

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

CRISTIANO CLAUDIO TORRES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Cristiano Claudio Torres (CT)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data – 09/08/2002

Local – Salvador/BA

Duração – 1h42m41s

Transcrição – Mariana Santos Damasco

Conferência de fidelidade – Nathacha Regazzini Bianchi Reis e Maria Leite W. de Oliveira

Sumário – Mariana Santos Damasco e Monique de Jesus Assunção

Resenha biográfica – Mariana Santos Damasco e Monique de Jesus Assunção

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

TORRES, Cristiano Claudio. *Cristiano Claudio Torres. Entrevista de história oral concedida ao Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 51p.

Resenha biográfica

Cristiano Claudio Torres nasceu no preventório da Colônia do Prata, em Belém, do Estado do Pará, no dia 23 de agosto de 1939. Seus pais eram portadores de hanseníase e até os seis anos de idade, Cristiano se manteve longe da família na Creche Santa Teresinha, no centro da cidade. Com o aparecimento dos primeiros sintomas da doença, em 1944, ele vai para a Colônia de Marituba onde já residiam seus pais.

Em 1949, saiu da Colônia junto com os pais, aos dez anos de idade, e durante o período em que esteve fora trabalhou numa loja junto com seus irmãos. Depois de 11 anos fora da Colônia, as seqüelas causadas pela hanseníase obrigaram o seu retorno e o de seus pais para Marituba.

O depoente herdou da mãe o gosto pelos estudos e pela leitura, ao ponto de cultivar até hoje uma pequena biblioteca em sua casa. Além disso, sempre se interessou por esportes e manifestações culturais como teatro, atividades que praticou durante toda sua juventude.

Na Colônia de Marituba aprendeu algumas noções de Enfermagem e se tornou Chefe da enfermagem interna. Participou da fundação do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), chegando a se tornar Coordenador Estadual do Movimento no Pará. Cristiano também foi Presidente do Conselho de Saúde do Pará e nesse cargo elaborou campanhas e projetos em prol da causa do ex-hanseniano e dos deficientes físicos, em geral. Atualmente ainda mantém contato com o MORHAN e atua no Conselho de Saúde do Pará. Residiu durante grande parte da vida em um bairro na região onde se localizava a antiga Colônia de Marituba; faleceu em janeiro de 2017.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Informações sobre o local de nascimento na Colônia da Prata, em Igarapé-Açu, Pará; comentários sobre os pais e irmãos, seu nascimento e a ida para a creche Santa Teresinha; o aparecimento dos primeiros sintomas de hanseníase, em 1944, aos cinco anos de idade e a internação na Colônia de Marituba; a transferência para a Colônia do Prata em 1945, aos seis anos, para encontrar os pais; o espanto ao ver, pela primeira vez, as deformações físicas dos pais e a inexistência de tratamento adequado na época; sobre Alfredo Brutz e a saída da colônia para a capital Belém com os pais, em 1948; a permanência dos irmãos saudáveis na creche; o trabalho na quitanda e a vinda dos irmãos para junto da família; os primeiros problemas decorrentes da doença aos 20 anos de idade, conseqüente do abandono do tratamento; a piora no estado de saúde do depoente aos 21 anos, a volta para Marituba com os pais e a revolta em retornar à colônia em 1960; comentários sobre a repressão sofrida na colônia e os embates com os diretores pelos direitos dos internos; relatos sobre os namoros, as medidas profiláticas para impedi-los e a briga com o diretor Chaves Rodrigues por causa de seu casamento; o casamento em 1967, apesar da proibição, e a sua prisão por oito dias; relato sobre a vida de casado na colônia; o falecimento do pai em 1966 e a ida para a casa da mãe; a visita do governador Jarbas Passarinho à colônia em 1964 e as circunstâncias da saída dos pais do pavilhão coletivo para uma casa individual; sua separação em 1974, após sete anos de casamento e o que a motivou; seu emprego como auxiliar de enfermagem; sobre o jornal clandestino *Clarim* elaborado por sua mãe e outros pacientes da colônia do Prata; sobre os temas que o jornal abordava como críticas às medidas profiláticas e disciplinares; as freiras que ajudavam a esconder o jornal, a relação da igreja católica com a doença e a presença da igreja nos leprosários; sobre Reinaldo Sá, diretor da colônia, que morreu de infarte após jogar bola com o depoente.

Fita 1 – Lado B

Sobre os dois times de futebol da colônia de Marituba e a criação do Nauas, seu time de futebol; comentários sobre o intercâmbio esportivo entre as colônias e as atividades culturais da colônia como teatro e grupos musicais e folclóricos; a vinda do governador Jarbas Passarinho à colônia, em 1964, a encenação da peça de teatro contestando a ditadura militar e a amizade com Passarinho; relatos sobre o carnaval na colônia e a rivalidade entre os dois blocos existentes; considerações sobre o isolamento compulsório; o início do uso de medicamentos como óleo de chaulmoogra e as reações; o tratamento quimioterápico com a sulfona e as dores decorrentes da doença; as primeiras deficiências na mão com o avanço da doença; sobre Marcelo Cândia e a prevenção de incapacidade; o seu engajamento na luta por melhoria na condição de vida dos pacientes; as entidades sociais ligadas ao combate da doença; o irmão Gendovar e a Sociedade de Pobres e Cegos da Divina Providência; a respeito do loteamento de casas efetuado pelo governo, na década de 1970, na área onde estava situada a colônia; o direito conseguido pelo depoente de pagar por serviços básicos, como o uso de água e energia elétrica; o fracasso do ônibus coletivo gratuito e a criação de uma linha de ônibus; sua ligação com o Partido dos Trabalhadores (PT) e o conflito com o prefeito do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) por falta de prestações de contas; o julgamento e o juiz comprados, segundo o depoente, pelo prefeito.

Fita 2 – Lado A

O *outdoor* acusando o prefeito de esconder o dinheiro do município; a defesa do depoente pelos advogados do PT; a união com o novo prefeito e a construção da Câmara Municipal dentro da colônia de Marituba; sobre a criação da Secretaria Municipal de Saúde e do Serviço Social; a fundação do Centro de Diagnóstico do município na colônia e a proposta de mudança do nome da Colônia para bairro D. Aristides; sobre a visita do Papa João Paulo II ao leprosário em 1980 e a luta para preservação dessa igreja como lugar histórico; sua ligação com o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN) e observações sobre seu início, fundadores, o primeiro encontro em São Bernardo do Campo, SP, e as diversas representações pelos estados; o estigma que ainda permanece; a mudança do nome do MORHAN de Movimento de Reintegração do Hanseniano para Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase; a respeito do alto índice da doença no Pará; sua participação no MORHAN e erudição sobre aspectos referentes à doença; a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e dificuldade de implantar um sistema de saúde eficiente; sua eleição como Presidente do Conselho de Saúde; a bolsa de estudos concedida por Jarbas Passarinho para o término de seus estudos; o preconceito sofrido nas escolas por ter morado em uma colônia e a doação da bolsa para a filha saudável de um paciente; a criação de um curso supletivo com professores voluntários e a não conclusão desse curso por sua atuação no MORHAN; sobre o livro que está escrevendo, o segundo casamento em 1980 e a criação de suas enteadas, como filhas legítimas, e seus netos; sobre sua amizade com Regina Barata, atual vereadora do PT; a morte de sua segunda mulher; o estudo da lei nº 4320 sobre orçamento público.

Fita 2 – Lado B

Continuação do comentário sobre o estudo da lei nº 4320 e sua relação com representantes do município de Marituba; a implementação da lei orgânica e a participação dos movimentos sociais dentro da Câmara Municipal; os 30 artigos que o depoente elaborou para a Câmara, tais como, a criação de cargos públicos para deficientes físicos; comentários sobre a funcionalidade do Conselho de Saúde do município de Marituba; a luta do depoente em superar traumas, preconceitos e marcas da doença, como um exemplo para as gerações futuras.

Projeto de pesquisa – Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Cristiano Claudio Torres (CT)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data: 09/08/2002

Fita 1 – Lado A*

LM: Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes, hoje é dia nove de agosto de dois mil e dois, essa é a fita número um da entrevista.....é entrevista com Cristiano Cláudio Torres e ele está sendo entrevistado por Laurinda Maciel. Bom, Cristiano, eu queria que a gente começasse você dizendo para a gente o seu nome todo, já falei, mas aí você repete com a sua voz, onde foi que você nasceu, quando, os seus pais, alguma lembrança que você tenha deles, se você tem irmãos ou irmãs, enfim falar um pouco para a gente da sua infância, aonde é que foi, como é que foi?

CT: Bem, a gente nasceu na Colônia do Prata, a 110 Km de Belém do Pará, em um município chamado Igarapé-Açu; eu tenho orgulho de ser conterrâneo do doutor Sócrates, aquele que jogou na seleção brasileira.

LM: Ah, ele é paraense?

CT: Ele é paraense nascido...

LM: Ah, eu nem sabia, na mesma cidade, não é?

CT: Na mesma cidade onde eu nasci... E o pai dele era coletor de impostos e lá tinha um hospital colônia que chamavam de leprosário antigamente. Eu sou filho de paciente, meu pai e minha mãe se conheceram lá quando jovens, namoraram e casaram. Desse casamento resultou 13 filhos.

LM: 13 filhos!

CT: 13 filhos, de tempo e dois fora de tempo. Não tinha televisão naquela época.

LM: Não (risos), é verdade.

* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Palavra em *itálico* – não pertence à Língua Portuguesa.

Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.

(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensando, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.

Palavras em **(negrito e entre parênteses)** - necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,

(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

CT: Desses filhos apenas três estão vivos, porque um morreu faz 10 anos por acidente de trabalho, e duas irmãs....vários sobrinhos e entre os sobrinhos, eu tenho uma no Rio de Janeiro, uma sobrinha casada no Rio de Janeiro, e nós nascemos na colônia em 1939, naquele tempo tinha um..

LM: O senhor nasceu quando de 1939?

CT: Dia 23 de agosto de...

LM e CT: 23 de agosto de 1939.

CT: Às seis horas da manhã.

LM: Olha! De manhã cedo... e o senhor é o filho mais velho?

CT: Eu sou o segundo... Àquela altura os médicos, diretores do hospital da colônia diziam que minha mãe, no primeiro filho não podia mais ter filho e ela disse que não, que ela tinha que ter filhos, que ela precisava ter filhos para se sentir mulher, se sentir realizada, eu fui o segundo, depois ela teve mais o resto. Eu com seis anos...naquele tempo existia as colônias, existiam os sanató...os dispensários...

LM: E os preventórios.

CT: E os preventórios para onde os filhos das crianças iam e eu fui uma dessas pessoas que foi para as creches, chamado creche, não é? Havia no Pará, uma creche chamada Creche Santa Terezinha, no centro da cidade e que por.....ter muita gente nas colônias, tem mais casamentos, então iam nascendo mais pessoas, então esse local foi tirado depois para outro local no Belém do Pará eu.... nessa transição de uma...como se dizer....

LM: De uma creche para outra.

CT: De uma creche para outra, apareci com manchas de hanseníase.

LM: Com quantos anos?

CT: Seis anos, ia completar seis anos, isso foi em 1944, em março de 44.

LM: O senhor sabe até o mês?

CT: Mês, sei até o mês porque eu sempre gostei muito disso. Fui para a colônia de Marituba, que era distante de onde estavam meus pais, 100 km mais ou menos distante. Marituba é área metropolitana onde hoje eu vivo, e uma enfermeira que conhecia minha mãe da colônia do Prata disse: “O quê que essa criança está fazendo aqui? Já que está com hanseníase porque não leva ele para morar com o pai e a mãe, já que está com hanseníase”. Foi assim meu primeiro contato com meu pai e minha mãe.

LM: Seu primeiro contato foi assim aos seis anos?

CT: Foi assim, eles não podiam ir lá me visitar porque naquele tempo não podia sair das

colônias. Quer dizer, quantas coisas dolorosas e marcantes, mas que lá para diante eu provo que não foi tão dolorosa assim nem tão marcante naquela época, foi. Tão marcante que quando cheguei na colônia minha mãe tinha deformidades sérias...

LM: Naquele tempo você não tinha antibiótico para cuidar, era só óleo de chaulmoogra.

CT: Não tinha prevenção de incapacidade, mas eu tive a sorte de ter uma mãe intelectual, às vezes eu dizia para a ela “A senhora é metida a intelectual”, “Não, meu filho, eu não digo que eu sou intelectual, mas eu estudei, aprendi”. Ela estudou em um colégio bom de Belém, de classe A, porque meu avô materno tinha posses; internou ela em um colégio para ela fazer escola normal naquele tempo. Ela conseguiu estudar em escola normal e piano, quer dizer uma pessoa que tinha uma cultura e tinha aptidão para essas coisas. No último ano que ela estava na es... se formando...

LM: No ensino normal?

CT: Apareceu hanseníase, jovem.

LM: Ela devia ter o quê? 17, 18 anos?

CT: É, tinha 19 anos e foi para a colônia e lá conheceu meu pai, namoraram....

LM: E se casaram?

CT: E se casaram e tiveram esses filhos. Então, aí eu fui viver com eles, essa experiência foi naquela época terrível um fato que eu não gosto muito de lembrar.... mas é necessário lembrar, quando eu cheguei e vi....

LM: O senhor fica à vontade, se não quiser falar....

CT: Eu convivia com crianças ditas normais sem seqüelas, sem coisa nenhuma, bonitas...

LM: O mundo que o senhor conhecia era esse.

CT: Era, quando eu cheguei lá e disseram “Essa era a sua mãe e essa era o teu pai”, a impressão....

LM: E eles tinham muita seqüelas?

CT: Muitas seqüelas, a impressão que eu tive foi horrível, chorei muito; três dias depois eu perguntei para as pessoas lá se eu não podia trocar de mãe, porque eu tinha visto mãe mais bonita. Você está entendendo?

LM: Estou.

CT: E isso para minha mãe deve ter sido um choque terrível...

LM: Coitada, mas o senhor era uma criança.

CT: Isso, era uma criança.

LM: E o mundo que o senhor conhecia era outro.

CT: Ela reconheceu depois disso, eu também reconheci... e pedi desculpas por causa daquilo

LM: Com certeza ela já lhe perdoou há muitos anos.

CT: Mas isso para mim...não houve depois problema nem nada, mas para você ver o impacto que isso.... o que foi importante para mim foi o impacto disso, o impacto disso foi terrível. Eu via ora dentro de uma colônia onde tinham todas as pessoas lá com seqüelas terríveis, e não tinha prevenção de incapacidade com reação hansênica, uns com cara de leão mesmo, terrível isso para mim foi um fato...eu não tinha...não aparecia nada era só uma manchinha. Até nove anos eu fiquei na colônia do Prata com meus pais, e um dos diretores que tinha lá era o Alfredo Brutz, se você pesquisar a história da hanseníase, correr para o Pará, você deve encontrar esse nome lá, em um livro do doutor Souza Araújo....

LM: Brutz, ele fala.

CT: Morreu no Rio de Janeiro.

LM: É, acho que o Souza Araújo fala porque o Souza Araújo trabalhou na colônia do Prata uma época.

CT: Isso, isso e exatamente nessa colônia.

LM: Exatamente nessa colônia, isso.

CT: Nessa colônia, foi a primeira colônia agrícola do Brasil em 1924.

LM: Isso, exato.

CT: E com nove anos o doutor Alfredo Brutz, era um alemão, chamou meu pai e minha mãe e disse “Leva essa criança daqui, tem pouco bacilo de hansen, ele vai se contaminar”...

LM: Vai piorar, não é?

CT: Vai piorar, leva essa criança daqui. Naquela época eu tive que fazer 12 exames consecutivos negativos¹.

LM: Negativos, exato.

CT: Com corticóide, não com dapsona, com sulfona e no decorrer dos doze anos eu saí, meu pai com seqüelas graves minha mãe também, tinha um primo do meu pai ainda... porque ela perdeu o primo, aquela história do meu avô quando apareceu a hanseníase o avô sumiu, aí ela deixou de ter irmã, deixou de ter, quer dizer não tive avô, não tive

¹ O depoente se refere aos exames necessários pelas Comissões de Alta.

irmã, não tive tia, não tive esse prazer que as outras pessoas tiveram de ter família consanguínea. Por parte de pai também a história se repete, a família abandonou meu pai, está entendendo?

LM: E ele era jovem também, apresentou os sintomas?

CT: Também jovem, apresentou os sintomas, foi para a colônia do Prata, viveu a vida dele lá, jogava bola, como jovem, não é, gostava de futebol, essas coisas. E isso fez com que também a gente aprendesse uma série de coisas, aí eu fui morar em Belém com.... tinha um primo do meu pai, comprou uma casa, deu para ele, deu algum dinheiro para o meu pai e ele montou uma quitanda para a gente poder se manter e abrir....vendia carvão, ovos, verdura, alguma coisa para ajudar, mas aí eu tive que trabalhar também.

LM: Era o senhor?

CT: Meu pai e minha mãe, só, os outros irmãos estavam então na creche.

LM: Na creche. Por quê que eles ficaram na creche e só o senhor saiu, seu Cristiano? Será que é porque eles tinham a doença em estágio mais avançado?

CT: Não, eles não tinham, filho de paciente não tinha hanseníase, a doença não era hereditária.

LM: O senhor só foi, não, eu sei, o senhor só foi..... voltou a morar com eles porque apresentou sintomas ?

CT: Isso.

LM: Entendi.

CT: E quando eu cheguei em Belém com nove para dez anos, que foi quando o doutor Alfredo Brutz, uma das coisas que eu bati o pé assim que chegamos na casa, eu não disse isso para eles, fomos para lá, levamos nossas coisas no caminhão de lá da colônia do Prata, no outro dia quando a gente acordou eu disse “Meu pai, eu vou trabalhar, mas não abro mão de ter meus irmãos do meu lado, eu quero ter meus companheiros”, um já tinha 7, um outro de 5 e outra de 3, era uma escadinha, eram quatro que restavam daqueles todos que nasceram daqueles todos que nasceram que eu já falei e eu não abria mão de ter com quem brincar.

LM: É lógico.

CT: É, já que são meus irmãos a gente saiu de lá e pode viver com a gente porque deixar a gente separado? Aí papai, “Meu filho, olha, não tenho condições financeiras de ter essas crianças, como é que vai ser?” Que meu pai também tinha uma cultura, “Pai, eu não estou preocupado com a situação financeira, mas vamos embora repartir já que o que a gente tem é miséria, vamos repartir pelo menos a nossa miséria”. Foi isso que eu disse para ele então...

LM: E o senhor tinha o quê, 10 anos?

CT: Tinha 10 anos, aí, arrumei um emprego e fui trabalhar, fui à luta. Comecei a trabalhar e ele vendendo lá, meus irmãos também começaram a ajudar porque além das seqüelas que ele tinha, ele era quase cego. Então para a mobilização do dinheiro, a falta de sensibilidade, o dinheiro para passar o troco para ele era difícil.

LM: Eu sei.

CT: Minha mãe tinha os afazeres caseiros que também tinha seqüelas da hanseníase na mão, então meus irmãos e eu iam ajudar no sentido de ajudar muito, aprenderam a fazer conta, o velho fazia conta de cabeça porque ele não podia escrever, aí dizia “O troco é tanto, quanto foi que te deve?” Eles atendiam e vendiam carvãozinho ou ovo, qualquer coisa mas papai dizia “Quanto foi que deu? Tanto, então olha o troco é tanto.”

LM: Fazia tudo de cabeça (risos).

CT: Fazia tudo de cabeça e dava para meninada porque os outros....e assim nós fomos vivendo a vida. Depois as minhas irmãs....nós fomos crescendo e tal e ela casou isso já 16, 17 anos, eu já estava próximo dos 20, casou e eu já comecei a ter problemas com a hanseníase.

LM: E o senhor não é....quer dizer naquela época, seu Cristiano, não se fazia então...assim que descobriu, que o senhor descobriu as manchas, que estava em um estágio muito inicial, não tinha um tratamento?

CT: Tinha tratamento.

LM: Mas mesmo assim a doença avançou?

CT: Sim, avançou porque eu teria a obrigação de, isso foi uma recomendação do doutor Brutz, que eu continuasse tomando a dapsona, a sulfona, e eu menino não quis...sabe, eu não sentia nada, está entendendo? Não entrou na minha cabeça aquilo.

LM: Entendi.

CT: Papai dizia “Olha, você tem que ir lá no dispensário”, que era o que eu falei leprosário, dispensário e creche, não é isso? Eu não ia, não ligava para isso. Aí comecei a ter não sei se foi uma recidiva ou me contaminei outra vez. Com certeza não tinha resistência e me contaminei, comecei a ter problemas e era eu que sustentava a casa, está entendendo? Mas eu continuei, continuei, quando chegou com 21 anos, não deu mais, por problemas sociais, o meu pai também cada vez mais com mais deficiências, aí já estava cego, minha mãe também com mais deficiências, a minha irmã já tinha casado, a outra minha irmã foi morar com ela. Aí tivemos que voltar para Marituba, tivemos que largar... a família se separou novamente. Aí lá...papai queria voltar para Marituba, minha mãe também queria, eu não, eu não ia deixar eles voltarem para Marituba e eu não, tive que voltar e voltei com eles. Marituba, na grande Belém, não é a colônia do Prata, que aqui no Pará tem duas colônias, é na grande Belém, 13 km.

LM: Ah, bem mais perto.

CT: Bem mais perto. E fui para Marituba, cheguei em Marituba fui viver de novo aquilo

que eu já tinha vivido na infância, quer dizer só peguei um pedaço da minha infância e da juventude, mas ainda jovem com 21 anos voltei de novo, lacrimando no dia 21 de abril de 1960.

LM: No dia da inauguração de Brasília?

CT: Isso, nesse dia mesmo. Lá naquele dia estava chovendo, coisa que é difícil, mas chovendo.

LM: O tempo estava chorando com o senhor, não é seu Cristiano?

CT: Estava chorando comigo, e os olhos, não era aquele choro, mas era aquele choro doído, as lágrimas escorrendo, minha mãe percebeu isso, depois me chamou, ela era muito sensível, por quê que eu estava chorando, “Não, mãe, agora eu não tenho condições emocionais para dizer para a senhora, mas depois eu digo”, em um outro dia eu chamei ela e o papai e disse “Olha, colônia é depósito de doentes, é depósito de leproso, eu não vim para cá para morrer, vocês podem ter certeza, eu vou lutar pela vida, eu não sei o quê vai ser porque eu sei que eu vou quebrar uma porção de tabu aqui, vou ser rebelde”, nesse sentido de quebrar tabus aqui, não aceito essa prisão por conta da ciência. Eu não aceitava, mas porque eram medidas profiláticas terríveis e que eu não aceitava, me rebelava. Eu não sabia tecnicamente dizer se aquilo estava errado, mas sentia que estava, mas eu não tinha argumentos com os médicos, você está entendendo? Aí comecei dentro da colônia a quebrar tabu; fui preso muitas vezes por desafiar diretor, entre uns desafios que esse foi o mais marcante cheguei em dia para o diretor e disse... depois de algum tempo já em Marituba “Eu vim convidá-lo para o meu casamento amanhã”, isso era de uma audácia. Era de uma audácia.

LM: Por que Cristiano?

CT: Porque para namorar você tinha que pedir autorização... eu vejo as pessoas falarem repressão do golpe militar de 64... as pessoas não têm idéia que tipo de repressão nós sofríamos dentro da colônia.....

LM: Quer dizer que para namorar você tinha que pedir autorização ao diretor?

CT: Pedir autorização ao diretor.

LM: E se ele não desse?

CT: Se ele não desse....

LM: Você não namoraria?

CT: Não namoraria, não chegava a.....

LM: Mas por que era necessária essa autorização, seu Cristiano?

CT: Era como eu digo para você, era profilático, presta a atenção, eles deixavam namorar, a autorização era porque primeiro precisa conhecer o quadro de hanseníase de cada um, se eu era paucibacilar e ela também era, era permitido.

LM: Se um era pauci e o outro multi.....

CT: Multibacilar jamais porque eles achavam que contaminava.

LM: Contamina um ao outro.

CT: Essa era uma medida profilática terrível, quer dizer o coração, o sentimento não era contado, o bacilo de hansen sim é que era o importante. E que para mim não era. O importante era a minha cidadania, era o meu direito, essas coisas todas que depois a gente foi aprender essa palavra cidadania, que naquele tempo não tinha.

LM: Mas me conta é... a história do seu casamento. O senhor chegou lá e convidou ele para o seu casamento e aí, a reação dele?

CT: Ele deu um murro na mesa. Eu era chefe de enfermagem.

LM: Quem era o diretor?

CT: Era o doutor Chaves Rodrigues, hansenólogo muito conhecido que naquele tempo era leprólogo, muito conhecido no Pará, talvez Maria Leide [W. de Oliveira] já tenha ouvido falar muito, mas os médicos todos do Pará conheceram ele. Ele deu um murro na mesa, hierarquicamente, veja bem, era o diretor da colônia que mandava, depois o prefeito e a terceira pessoa nessa hierarquia era o chefe da enfermaria interna, você está entendendo ? Eu era o chefe da enfermaria interna, aí eu disse para ele: “Não, doutor, eu vou me casar amanhã, já está tudo certo”, eu tinha 25 anos mais ou menos mas a menina que ia casar comigo tinha 19, tinha que ter autorização para os pais, a gente já tinha ido no cartório, o namoro, tinha sido tudo.....

LM: Normal.

CT: Escondido porque eu tinha medo daquela questão do bacilo.

LM: E ela também era filha de pacientes?

CT: Não.

LM: Não?

CT: Não, não, era, o pai dela morava em Belém, e ela estava lá internada com problema.... e a gente se conheceu lá, namorou, o namoro começou com um curativo, aí foi.....aí ele disse que não ia permitir de jeito nenhum, eu disse: “Não, doutor, já passei em cartório, já está tudo certo”. Ele disse “Olha, você vai, mas você vai ser preso”, eu sabia. “Bem doutor, eu posso ser preso, mas tem uma coisa que eu vou dizer para o senhor, o senhor veio aqui para tratar da minha doença agora do meu sentimento o senhor deixe que cuido eu. Cabe a mim cuidar do meu sentimento, não é o senhor quem vai dizer com quem eu devo namorar ou não, porque tem bacilo ou não tem, os meus sentimentos quem cuida sou eu, da minha patologia cuida o senhor.” Essa frase ficou famosa, quando nós conseguimos quebrar um tabu, foi um dos tabus que a gente quebrou mais forte, não é ? A partir daí, ninguém começou mais a pedir autorização no

diretor para namorar, aí daí em diante a gente casou, eu casei no sábado, eu tinha ido na sexta-feira com ele na segunda-feira....

LM: Na véspera mesmo?

CT: Isso, na véspera do casamento. Na segunda-feira quando eu fui trabalhar, porque eu trabalhava em um hospital lá com curativo, como atendente de enfermagem, quando eu saí do hospital que eu fui direto... já tinha um guarda me esperando na porta do hospital para ir direto para a delegacia para ir preso, eu fui preso.

LM: Nossa, mas isso é inacreditável.

CT: Aí eu disse “Rapaz não olhe... quero ir lá no gabinete do doutor, eu vou”, cheguei lá “Doutor o senhor.....”... “Não, vou cumprir o que eu te disse, são três dias de cadeia” aí eu chamei um palavrão e passou para oito.

LM: Ih! Então era melhor o senhor se calar antes que ficasse 15 dias, não é?

CT: Era, a maneira de ele me reprimir era isso, quando eu me rebelava demais aumentava a pena. E eu sabia que aumentava mas eu não deixava de dizer o que eu queria, eu sabia que ia pagar um ônus caro, mas não estava preocupado com o ônus, estava preocupado com o efeito depois da minha ação, com os companheiros.... Isso deu resultados fantásticos, alguns resultados foram fantásticos e assim a gente foi quebrando alguns tabus.

LM: E como que era a vida é....de casado lá? O senhor tinha uma casa só para o senhor? O fato de o senhor ter se casado mesmo nessas circunstâncias sem autorização dele, sem a permissão dele, mas o senhor tinha uma casa onde o senhor poderia ficar com a sua esposa?

CT: Essa história...é lógico que eu fiquei marcado pela direção. À princípio não tinha casas porque as casas estavam todas ocupadas com outros casais, não tinha casa disponível...

LM: Não tinha uma casa vazia.

CT: Não tinha casa disponível e eu fui morar com meu pai e minha mãe, aliás já com minha mãe porque meu pai já tinha falecido. Meu pai tinha falecido em [19]66 esse casamento meu foi em [19]67 e fui morar com minha mãe , mas eu queria a minha casa.

LM: Claro.

CT: E queria a casa do meu pai e da minha mãe, presta atenção como é que é essa história. Meu pai e minha mãe moravam em um pavilhão.

LM: Um pavilhão inteiro?

CT: Um pavilhão, primeiro pavilhão desocupado para pavilhões de casais foi para o meu pai e para minha mãe, foram as primeiras pessoas que moraram em um pavilhão, transformados em coletivo para casal e isso eu estou retrocedendo um pouquinho a

história isso foi em [19]64.

LM: Não tem problema.

CT: Em [19]64 a questão do golpe militar, isso também chegou nas colônias, a gente tinha consciência do que estava acontecendo no mundo.... cá fora, está certo? E chegou em 13 de agosto de 1964, o então governador do estado nomeado pela revolução foi fazer uma visita à colônia; cinco dias antes dele ir correu....

LM: A notícia que ele iria?

CT: A notícia que ele iria, mas meu pai e minha mãe continuavam morando no coletivo, desocupavam as casas, mas não davam para eles.

LM: Por que, seu Cristiano?

CT: Por causa da minha rebeldia.

LM: Ah!!!! Era uma maneira de punir....

CT: De punir, e eles sabiam que isso me feria muito, meus pais não tinham culpa do que eu estava fazendo.....

LM: Lógico, lógico.

CT: Mas eu não podia....eles tinham o poder na mão. Eu disse, bom dessa vez meu pai e minha mãe vão ganhar uma casa porque eu vou pedir ao governador, e comecei a soltar esses balões. É lógico que na antevéspera do governador chegar eles me chamaram e está aqui olha uma casa pintada, toda bonitinha, reformada....

LM: Oh, está vendo como é bom a gente não ser subserviente, não é, seu Cristiano ?

CT: Aí me deram...deram a casa para o meu pai, fui morar com eles então em 67. Já a minha mãe....aí eu pensava ter a minha casinha e tal, mas aí se eu saio da casa da minha mãe, ela iria ficar só e era injusto, eu achava extremamente injusto, a gente já tinha sofrido tanto junto, porque separar? Aí eu terminei ficando com a minha mãe, com a minha esposa, durante muito tempo mais ou menos sete anos, depois nos separamos eu e a minha esposa, nos separamos por conflitos de gênios, eu não sei bem dizer agora a palavra correta.....foi incompatibilidade....

LM: Incompatibilidade de gênios.

CT: Essa é a palavra correta, a gente separou eu fiquei solteiro, depois é uma outra história já.....

LM: O senhor teve filhos com essa senhora?

CT: Não, não tive.

LM: Quanto tempo mesmo o senhor ficou casado com ela?

CT: 7 anos, até [19]74 separou depois... até a briga fundamental da separação....essa foi a gota, mas tinha conflitos..... Eu saí para ir jogar bola e eu disse para ela que ela guardasse o refrigerante, quando eu voltasse cansado eu queria tomar um refrigerante, ela disse que não ia guardar, que ela iria tomar o refrigerante, foi na geladeira e abriu. Eu peguei minha camisa e pus no ombro quando voltei... mas disse lá... tratei ela mal, agredi com palavras, não fisicamente. Quando eu voltei minha mãe disse “Olha, tua mulher saiu daqui chorando e foi dormir no pavilhão lá de uma amiga dela”. Tudo bem, quando foi de manhã eu tinha que me preparar, tomar banho, tomar meu café, vestir a minha bata para ir trabalhar que eu era auxiliar de enfermagem. Hoje eu não vou trabalhar porque ela vai voltar aqui, eu também estava com vontade de.....

LM: É, de dar um tempo.

CT: De dar um tempo, quando foi umas sete e meia para oito horas ela bateu na porta eu disse “O quê é que tu quer?”, “Ah amigo eu queria conversar.....Não, está aqui sua trouxa, está aqui todos os.... pode ir embora”, porque todo mundo dizia que eu era apaixonado por ela e é verdade, eu sofri para chuchu mas precisava fazer, eu precisava ter domínio sobre mim mesmo. O sentimento é um negócio legal e tal, o amor eu acho um negócio legal para nós, eu acho que o amor tem um limite, eu não posso deixar que por amor eu me corrompa, o amor não pode me corromper. Eu não posso ceder a essas coisas. Aí não, não quero mais, não quero mais, não quero mais, a mãe depois veio atrás, o pai sabia o quanto eu gostava dela, eu sofri para chuchu, foi uma decisão dura, mas valeu para chuchu. A gente se separou, eu nunca mais quis saber, depois eu arrumei uma mulher, ela já arrumou um marido, então assim a gente foi vivendo em Marituba e quebrando alguns tabus.

LM: Eu queria só fazer uma pergunta para o senhor, eu espero que não corte a sua linha de raciocínio, o senhor já falou que era auxiliar de enfermagem, não é, e aí eu queria perguntar, o senhor fez algum curso, alguma especialização ou foi tudo na observação ou.....

CT: Isso é interessante, porque a gente chegava nas colônias com..... ele percebia o grau de inteligência da gente. A mão era boa, perfeita embora eu já estivesse começando a ter reações hansênicas e tal, mas a minha mão era perfeita ainda, sensibilidade e tudo eles aproveitavam.

LM: Ah! Ensinavam na prática.

CT: Na prática, a primeira coisa que ensinavam para a gente era aplicar a ventosa, que eu acho que a Medicina já nem usa mais.

LM: É, acho que só a medicina oriental.

CT: É...verificar a pressão e verificar a temperatura, colocar aqui embaixo do braço....

LM: O termômetro.

CT: O termômetro, a manusear, isso a gente aprendia e depois algumas coisas... aprender a fazer curativos, fazia um treinamento ali rápido para aprender a fazer porque

até então pessoas ditas de saúde que trabalhavam na saúde não pegavam na pinça ou no pé do paciente para fazer curativo tinha que ser doente para fazer curativo de doente, está entendendo? Então a gente era treinado e fazia.....e o pior é que o salário mínimo naquela época era trinta e três mil cruzeiros e a gente recebia mil cruzeiros por mês.

LM: Mil cruzeiros?!

CT: Era explorado, era explorado, está entendendo, mas a gente precisava fazer porque senão morria de tédio e eu tinha dito para o meu pai e para minha mãe que eu não ia morrer de tédio.

LM: É, é verdade.

CT: Que eu não tinha vindo para a colônia para morrer.

LM: Como é que era a vida.... a vida de lazer, a vida cotidiana na colônia, seu Cristiano?

CT: Bem a vida era fantástica, até os 9 anos quando eu estive na colônia do Prata aí eu vou voltar um pouquinho....

LM: Isso, não tem problema.

CT: Como a minha mãe e algumas pessoas eram intelectuais na colônia do Prata, eram tido como intelectuais....

LM: Isso, porque estudaram.

CT: Porque estudaram e tal e ela escrevia, fazia poesia, sabia tocar piano e tal e se juntavam, também tinham lá pessoas que tinham ido para a faculdade, feito advocacia, outros eu não sei... vários ramos da vida. Essas pessoas também foram afetadas pela hanseníase se juntaram e fez um grupo, e essas pessoas também eram rebeldes e começaram a fazer um jornal, arrumaram um mimeógrafo e faziam um jornal na minha casa, está entendendo? Esse jornal era distribuído à noite, eu como criança era mais difícil para o policial interno me pegar no escuro.

LM: Do que pegar um adulto.

CT: E eu ia por baixo das portas empurrando esse jornal.....

LM: Como é que chamava esse jornal seu Cristiano?

CT: Era “Clarim”.

LM: “Clarim”.

CT: Como se fosse um grito. Era a crítica contra as medidas profiláticas, contra as medidas disciplinares que tinham na colônia, era crítica mesmo. Crítica por causa de medicamento, por causa de remédios, tinha elogios também, mas a maioria....

LM: Mas era um jornal combativo?

CT: Combativo.

LM: Um jornal de idéias, isso.

CT: Mas tinha alguma coisa cultural também, mas a linha mestra do jornal era esta, o editorial sempre que saía era sobre crítica. Era um jornalzinho pequeno, porque não dava....eles não tinham poder aquisitivo tão grande, mas o papel os parentes traziam escondido, os parentes deles traziam cada um uma quantia de papel tinta também, era assim que....esse jornal funcionava, era feito na minha casa. Depois o meu pai eu me lembro bem discutindo com a minha mãe, com o pessoal disse, olha eles vão começar a desconfiar de nós por causa da linha que o jornal tinha, porque o que era escrito era de uma certa cultura, então ia chamar a atenção que eram intelectuais.....

LM: Ia saber quem era.

CT: É lógico, de identificar.

LM: Quantas pessoas tinham mais ou menos na colônia nesse período, seu Cristiano? O senhor lembra?

CT: Nesse período parece que 560 ou 550 era por aí, tinha muita gente. Para você ter uma idéia tinha quatro times de futebol.

LM: Nossa!

CT: Numa localidade onde tem quatro times de futebol.....

LM: É, é verdade é porque tinha muita gente mesmo.

CT: É porque tinha muita gente, tinha muito jovem também não é, chegava a ter times de futebol, embora pessoas de 30, 32 anos jogasse bola, mas tinha muito jovem. E aí chamou a atenção, aí eles começaram a pensar aonde esconder... porque o que acusava era o mimeógrafo, que era o que imprimia o jornal. Aí eles discutindo lá e eu me lembro que eu era garotinho, eu disse “Eu tenho um jeito para vocês esconderem isso aí” “Onde é menino?, Onde é menino?” “Vocês falem com a freira para esconder lá na igreja porque eu duvido a polícia ir lá porque eles não vão desconfiar das freiras”, as freiras apoiavam, está entendendo. Eu duvido, na casa de qualquer um de vocês, qualquer um de nós.

LM: Que freiras eram essas, seu Cristiano?

CT: Eram as irmãs, chamadas irmãs de caridade, isso é marcante nas colônias no Brasil até fora do Brasil, a presença da igreja é fundamental e uma vez eu queria saber como era isso e não sabia, como foi que a igreja entrou nessa história? Como é que ela estava presente dentro das colônias? Por uma felicidade me parece coisa de avaliação de Hanseníase em São Paulo, estava lá Wagner [Nogueira], Maria Leide me deu um livro de presente onde justamente tinha um pouco dessa história.

LM: Ah! Que bom.

CT: Aí ela conta nesse livro, eu me esqueci o título do livro, mas eu tenho o livro em casa, que em 427, em um conclave ou congresso não me lembro bem....dos grandes da igreja católica...um bispo, entre os grandes.....os cardeais que....

LM: Um concílio...

CT: Esse concílio, era um concílio no ano 427 em Lion na França, já saiu a idéia da igreja católica proteger as pessoas que estavam com lepra no mundo, que viviam abandonadas, mas tinham que juntar essas pessoas, eu acho que essa foi a primeira idéia de colônia.

LM: De colônia, de isolamento exato.

CT: Embora eles vivessem já juntos, mas a igreja católica tinha um poder naquela época muito grande, tinha um poder mesmo do governo era muito grande, eu acho que foi daí mais ou menos a história eu sei que em todas as colônias que eu vou a presença da igreja é.....

LM: É uma constante.

CT: É uma constante, eu acredito que foi desde daí que a igreja católica deve ter se preocupado.

LM: É, é capaz.

CT: Eu nunca pesquisei muito essa história, mas eu não tenho dúvidas.....

LM: É, provavelmente é por aí mesmo.

CT: E a gente sente essa presença da igreja tanto no Brasil quanto fora do Brasil, eu fui na Espanha quando chego lá dou de cara com padre e freira. É um negócio fantástico e essa minha....depois eu me tornei um autodidata, já na colônia de Marituba eu dizia para minha mãe o seguinte: “Olha eu tenho que terminar meu segundo grau e um dia eu tenho que fazer faculdade”, tenho que fazer alguma coisa que as pessoas passam a respeitar muito mais a gente com um diploma na mão do que outra coisa, isso é verdade.

LM: É verdade, mas aí acaba de contar do jornal, aí deu certo esconder na igreja?

CT: Deu certo esconder na igreja e nunca descobriram.

LM: Ah, que bom (risos).

CT: E nunca descobriram, eles iam na calada da noite para sacristia combinavam.....também só era uma freira que sabia da história que as outras não podiam, porque eu dizia para eles assim “Olha, segredo que passa de um não é mais segredo”.

LM: É verdade, porque aí um conta para outro, para o outro, para outro...

CT: Eu sei que eles faziam tudo escrito em casa, tinha uma máquina de datilografia, ou faziam na escola que também tinha máquina de datilografia aquilo escondidíssimo, porque era um crime que eles estavam cometendo e tal. Aí depois iam para lá para a sacristia da igreja imprimiam o jornal, também pegavam qualquer resto de papel, qualquer coisa, jogava fora para não ficar nenhum vestígio, não é? E o jornal foi muito tempo... funcionou em Marituba, tinha uma coluna social que falava das pessoas que faziam aniversário e tal, tinha das notícias novas por exemplo do combate da lepra, da sulfona, alguém passava para eles tinha pessoas amigas deles em Belém também, médicos também amigos, que também passavam essa história para minha mãe, o diretor da colônia era muito amigo da minha mãe, um dos que morreu lá doutor Reinaldo Sá acho que morreu de infarto. Reinaldo Sá morreu de infarto à noite e jogou bola comigo até seis horas da tarde.

LM: Nossa!

CT: Quando foi no outro dia de manhã.....

Fita 1 - Lado B

CT: Chegou o padeiro, que deixava o pão na colônia do Prata, ainda na colônia do Prata, disse “Olha, doutor Reinaldo faleceu de madrugada”, eu tinha, não sei se foi sonho, eu não me lembro o quê foi eu sei que eu tive....

LM: Um pressentimento, não é?

CT: Um pressentimento, um aviso qualquer coisa e a mamãe dizia “Menino, acaba com isso, o homem saiu daqui bonzinho”.

LM: É, mas a vida é assim mesmo.

CT: E quando foi mais ou menos em 47, foi quando eu saí da colônia do Prata e fui morar em Belém, moramos até 1960, aí voltamos para Marituba e em Marituba aconteceram coisas fantásticas também que aí eu fui viver, começar a reagir contra tudo aquilo. E não me calando, não aceitando muito, pagando às vezes caro, ir preso. Uma das coisas primeira que eu fiz em Marituba ao chegar lá, eu gostava de futebol e percebi que tinha dois times de futebol, a gente não via fazer campeonato nunca, eu pensava na minha cabeça, mas eu estou chegando aqui, o pessoal não me conhece muito eu vou primeiro sondar essa história aqui. Aí comecei a me envolver com o futebol, aí um dia na reunião de um dos clubes que tinha lá, que um era chamado Nacional, que a cor era azul e branco e o outro Perseverança que era preta e branca. Eu fui na reunião de um, aí perguntei para eles lá quantos tinham inscrito que jogavam bola, 43.

Em um dos times tinham 43, aí fui na reunião de um outro poucos dias depois ah isso aí é 3ª coluna é.... 5ª coluna estava na reunião do outro, agora veio para cá não e “Não me defini, ainda não disse que tinha”. Eu já jogava bola e todos os dois, eu já jogava relativamente bem e queriam, todos os dois queriam que eu jogasse... isso era uma caça constante, quem chegasse na colônia novato perguntava logo se você jogava bola porque era uma das distrações que você perguntou.

LM: Isso, exato.

CT: Era distração, era uma das coisas que era o futebol. Aí eu depois.... da diretoria conversar e tal resolverem lá o problema deles eu perguntei quantos tinham? 44. Então tem 87, dá para fazer outro time, eu vou ter que tirar de um e de outro isso que ocorreu na minha cabeça. E tinha um grupo de jovens que jogavam nos dois times eu também era jovem e comecei a fazer a cabeça deles, vamos embora fazer outro time, é tradição nacional, o Perseverança como se fosse Flamengo e Vasco.....

LM: E Fluminense.

CT: Ou Flamengo e Fluminense ou Coríntians e Palmeiras, era uma rivalidade tremenda, vamos criar uma terceira.

LM: Criar uma terceira via aí, não é ? (risos).

CT: Aí resultado: juntei lá um grupo de jovens que ainda não jogavam em um time titular nem de um lado nem de outro, mas que já tinham condição de jogar bola e de serem titulares, não eram porque os grandalhões jogavam, era essa minha cabe... aí resultado, peguei 19 jovens, tirando 19, 10 de um lado 9 de outro não vai fazer muita falta não. Aí juntamos o time e demos o nome de Náuas, que era....

LM: Náuas.

CT: Que era uma tribo de índio do Amazonas e um desses índios ficou com hanseníase². Naquela época, porque até então no princípio do país não tinha hanseníase e dos parentes desses índios é... porque não eram índios eram um mestiço. Um dos parentes desse mestiço era do Acre e contou essa história para nós. Aí nós resolvemos em homenagem a essa tribo indígena....

LM: Colocar o nome.

CT: Colocar e bom.....um é azul, outro é preto nós vamos botar vermelho. Aí colocamos vermelho e branco não é. Aí resultado, terminamos de fazer o campeonato motivou o futebol e havia um intercâmbio, engraçado isso, havia um intercâmbio entre uma colônia e outra, entre Prata e Marituba na questão do esporte.

LM: Ah, que interessante, campeonato entre as colônias.

CT: E era uma rivalidade que eu queria que você visse, uma colônia queria ser melhor que a outra, era competitivo mesmo está entendendo?

LM: Que engraçado.

CT: Tinha... por exemplo em uma tinha conjunto na outra também tinha. Tinha grupo de teatro, eu fazia parte do grupo de teatro.

LM: Tinha teatro também?

² Tribo indígena que vivia às margens do Rio Juruá, no Acre.

CT: Tinha teatro, a gente fazia peças de teatro, essas coisas todas, é interessante essa história do teatro.....grupo folclórico, grupo folclórico, folclore lá tem muita coisa folclórica no Pará...

LM: Tem, tem o folclore regional é muito rico, não é?

CT: Assim que eu cheguei em Marituba, foi uma das coisas que me convidaram logo para fazer parte foi do grupo de teatro. Para o grupo de jovem que aí era ligado à igreja católica, grupo de jovem tinha um senhor da igreja católica que passou a ser o nosso monitor a nos orientar, não religiosamente, mas até para a vida foi importante ele na vida da gente, para a gente não enveredar por outros caminhos porque na colônia já tinha também maconha, já tinha essas coisas....

LM: Ah é?

CT: Já tinha droga e a gente enveredou por esse lado, terminou não indo para lá. Aí para gente matar o tempo não só na bola porque nem sempre tinha futebol, aí ele criou.....

LM: E só uma coisa também enjoa, não é?

CT: Grupo de teatro, aí tinha pessoas que sabiam tocar instrumento de sopro, outros violão e juntaram.....

LM: Podia fazer uma orquestra!

CT: Fez um conjunto....

LM: Fez uma orquestra, um conjunto, um conjunto musical.

CT: Um conjunto e isso, não tinha o som que tem hoje, que você compra e bota CD não, era música ao vivo e a gente dançava nas colônias e tal. E nessa ocasião do teatro, bom, nós tivemos uma idéia o seguinte, o nosso, que era monitor que a gente chamava da igreja que fundou o grupo de jovens chamou a gente e disse “Olha, parece que agora em agosto...” está... dias antes ele descobriu isso, “Está vindo o governador aí vamos fazer uma peça de teatro?” Vamos embora...

LM: Foi na época que o senhor pediu a casa, não é?

CT: Isso, para fazer um grupo de teatro “Mas como é que o senhor sabe? “Não, mas o governador vem aqui, pode ter certeza que ele vem”, era uns 2 ou 3 meses antes, a gente não acreditava como é que ele soube dessa notícia, só veio confirmar a notícia porque ele vinha cinco dias antes....

LM: Antes da chegada...

CT: Antes da chegada, cinco dias antes foi que foi confirmado a gente já sabia, alguém tinha dito para ele. É possível, “O governador, a revolução chegou, aí vocês tem que entender isso, vai chegar aqui também, o governador vai ter que visitar as colônias vocês podem ter certeza disso”. Não sei se foi notícia ou foi pensamento dele, só sei que nós fizemos. Você sabe o que era a peça de teatro? Era contestando a ditadura.

LM: Ih, meu Deus!

CT: Eu fiz o papel do militar, era uma contestação mesmo, olha a audácia nossa.

LM: Gente, mas o senhor era espírito de porco, hein, seu Cristiano (risos).

CT: Era, espírito de porco e nós convidamos, e não é que ele foi ver a peça, e quando terminou ele ficou de pé aplaudindo.

LM: É mesmo?

CT: Era, e era o que foi senador muito tempo, o Jarbas Passarinho, inteligentíssimo.

LM: O Passarinho... é, ele foi governador do Pará, exato, exato.

CT: E ele ficou meu amigo.

LM: É mesmo?

CT: É, ficou... aonde me encontra me abraça, eu tenho um livro autografado por ele, mandado por ele, eu gosto muito de ler, talvez o maior lazer da minha vida.

LM: É leitura é muito bom.

CT: Eu aprendo muito, e nós fizemos a peça de teatro que era contestando a ditadura, era uma crítica à ditadura. O ditador tinha um nome lá qualquer que eu não me lembro agora.... e contestando isso, quer dizer a gente para viver nas colônias fez muito esse tipo de coisa, teatro, grupo folclórico, São João - grupo folclórico, carnaval – escola de samba, está entendendo, da colônia, e com nomes interessantes, a escola de samba da colônia era Casadinho e Traz Aqui, era só os casados, Traz aqui eram só os solteiros, era uma rivalidade incrível, tinha desfile, tinha baile, mas quando os dois blocos se encontravam o pau comia. Briga mesmo de quebrar a baqueta.

LM: O estandarte do outro.

CT: O estandarte do outro, quebrar a baqueta, quebrar o tarol na cabeça um do outro, de correr sangue, era. Aí ia para o hospital, faz o curativo, aquele negócio todo e a polícia entrava no meio.

LM: Gente, que coisa (risos).

CT: Era um negócio.... grupo de.... folclórico também era a mesma coisa, tinha um grupo de jovens que fazia quadrilha e um grupo de senhoras e tal que também fazia.....quando essas duas quadrilhas se encontravam..... saía fumaça e tal, mas era convidado para as festas. Quer dizer e assim continuando aquilo o que eu tinha dito para o meu pai e para a minha mãe que eu não queria morrer de tédio, que eu tinha ido para lá para lutar...

LM: É, com certeza.

CT: Eu também tinha esses momentos de lazer e eu me incluía em todas essas coisas. Tinha dia que eu chegava em casa cansado, de tanta coisa que eu tinha que fazer.

LM: Muita atividade, não é?

CT: Muita atividade, isso também, as pessoas também exploram a gente, no bom sentido, de vendo a capacidade da gente, de saber que a gente tem algo mais para dar.

LM: É que muita pouca gente faz, não é, seu Cristiano?

CT: E a gente foi aprendendo muito a fazer isso, aprendendo a..... essa questão, hoje o pessoal diz que eu tenho uma habilidade incrível para dialogar, de ser o articulador, isso eu tenho mesmo....

ML: Ah, vocês estão aqui.

CT: Eu tenho uma facilidade incrível de articular as coisas.

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

CT: Coisas interessantes que a gente viveu em Marituba.....eu digo para as pessoas o seguinte a hanseníase é.....foi um veículo que me jogou.....

LM: Para o mundo.

CT: Dentro de uma fornalha, dentro de um forno. A vida ela é uma bigorna e um martelo, onde foi forjada a minha personalidade e a minha cidadania. Eu não tenho dúvidas nisso.

LM: Sim, o senhor sempre foi uma pessoa muito combativa.

CT: Isso, sempre fui e.....

LM: E rebelde nesse sentido.

CT: Nesse sentido.

LM: De não se submeter a essa.....

CT: A essas normas.....

LM: A essas normas preestabelecidas, de questioná-las, não é?

CT: Muitos questionavam, questionavam, depois eu tenho noção disso lendo Souza Araújo e alguns já mais recentes, a gente sabe que foi usado como cobaias, a gente percebeu isso, a gente sabe da culpa da ciência quando nos jogou nas colônias. Não foi o que muita gente pensa que foi a sociedade que não foi, foram os médicos convencendo a sociedade para apoiar o isolamento nosso, foi o contrário. Foi em nome dessa doença e dessa pressão da ciência, desses médicos convencendo a sociedade que

para o bem dela era bom que a gente estivesse internado. Isso aí a gente percebe através dos livros, não é ?

LM: É.

CT: E depois dentro das colônias a gente percebe isso. E as pessoas ainda vivas no Pará, que foram pegas na rua na marra....

LM: Sim, sim e levadas.....

CT: Levadas, a gente conhece muito essa história, mas algumas fases até de tratamento.... tratamento que hoje o cara chama chaulmoogra, não sei o quê mais, extremamente doloroso, se contar para você, é incrível isso....

LM: O senhor foi submetido a tratamento com chaulmoogra?

CT: Com chaulmoogra, era uma... chaulmoogra....

LM: Como que o senhor se sentia depois? Como é que era esse....

CT: Eu ficava indignado com aquilo, eu achava que era um sofrimento....

LM: Mas o senhor se sentia.....

CT: Era pior do que pegar um boi e meter um ferro lá para matar o boi.

LM: Mas o quê que.....sensações o senhor sentia?

CT: Muita dor.

LM: Era mal estar, era dor o quê no corpo, nos membros?

CT: Mal estar, me dava febre.

ML: Com que idade, Cristiano o senhor entrou? Quando você entrou você tinha que idade?

CT: Seis anos.

ML: Ele conheceu Osmar Mattos? Ah, não Osmar Mattos não trabalhou.....

CT: Eu fui para a colônia do Prata com 6 anos.

ML: Do Prata?

CT: Sim, para colônia do Prata, meu pai e minha mãe eram de lá, eles casaram lá eu nasci lá. Eu fui o primeiro filho de doentes no Pará a ter... a ter tido hanseníase. Aquela injeção....

LM: Injeção de chaulmoogra.

CT: Intradérmica, era terrível, porque além de ser ao redor da mancha ela ia também...ia fechando aquela picadinha ia, ia e aquilo doído, doído demais. Quando terminava empolava, dava febre eu queria jogar bola não podia porque estava todo doído, isso dava uma raiva terrível.

LM: E como que o senhor é... o quê que o senhor teria a dizer para gente do início do tratamento mais quimioterápico? Que foi.... .

CT: Eu fui submetido depois.....

LM: Na década de [19]50, não é ?

CT: Sim, mas chegou para nós a rigor no Pará em [19]80, mais ou menos, [19]70 e tal, [19]80. Quando foi chegando a quimioterapia mesmo.....

ML: Não, não, não estou falando da.....

LM: É, eu estou falando dos...dos medicamentos anteriores.

ML: Sulfona.

CT: Era terrível.....

LM: Sulfona.

CT: A sulfona conheci bastante, já melhorou um pouco, era tão coisa que eu não sei se alguns médicos se lembram disso, que sei que teve uma sulfona apelidada de 100% porque diz que ela 100% curava para convencer a gente a tomar, a gente sabia que estava servindo de cobaia, quer dizer sabia não, foi saber depois.

LM: Foi saber depois exato, exato.

CT: A gente foi cobaia até nisso.

ML: Quando vocês tomaram a sulfona já não era cobaia não, Cristiano, já era decidido que isso funcionava.

CT: Isso diziam lá que funcionava e tal.

ML: Nos hospitais dos Estados Unidos e do.....Padre Bento.

CT: Isso, diziam que isso curava e a gente tomou muita sulfona e tal. Dentro das colônias ainda timidamente, alguns médicos já começavam a manipular os corticoides que era uma das coisas terríveis da doença, era a questão da dor, principalmente das dores articulares, que nós da colônia chamávamos de dor nas juntas.

LM: Dor nas juntas (risos).

CT: E as colônias tinham um linguajar próprio do paciente, algumas coisas....

LM: Mas a minha avó usava essa expressão “Ai, estou com dor nas juntas”. É uma coisa do pessoal mais antigo mesmo, não é?

CT: Mais antigo, tinha médico que quando a gente doutor..... “O quê que você tem?” “Ah doutor estou com uma dor nas juntas”, dor nas articulações, aprende a dizer.

LM: É, mas tudo bem. (Risos).

CT: E tinha, não tinha medicamento muito, a gente tomava Anador®, Melhoral®, essas coisas, qualquer analgésico para melhorar.

LM: Sei, e o senhor ao longo do tempo é... o senhor foi sentindo o avanço da hanseníase é...porque o senhor começou aos 6 anos com aquelas manchinhas pequeninas, depois ela foi avançando, não é isso?

CT: É, foi avançando.

LM: Como é que foi essa percepção, essa experiência assim do adoecimento que o senhor teve, quer dizer, o senhor sabia que uma doença estava se manifestando sobre o senhor e teoricamente pelo menos naquele momento não dava para escapar porque não tinha outra saída. O quê que o senhor pensava assim... como é que o senhor reagia a isso?

CT: Eu reagia como uma esperança do doutor Alfred Brutz, que tinha dito para o meu pai... “Leve o seu filho daqui porque senão ele vai ficar contaminado, ele vai ficar multibacilar”, e foi a primeira vez que eu ouvi a expressão. “Mas vocês não tenham dúvidas, antes do final do século deve aparecer a cura da lepra”. E eu tinha uma esperança tremenda nisso, eu acreditava naquilo.

LM: O senhor acredita... ótimo.

CT: E eu acreditava naquilo e eu sempre dizia para a minha mãe, “Não é possível que essa ciência não arrumou um jeito de a gente ficar bom, não é possível”, a gente discutia isso dentro da colônia e tal, mas tinha essa esperança de que um dia podia.... sentia também a evolução da doença aí....

LM: Porque ele em dado momento começou a afetar a sua articulação e o senhor era uma pessoa que trabalhava na enfermagem, não é?

CT: Isso na enfermagem, uma das coisas....

LM: Na enfermaria, tinha uma atividade, era um profissional, enfim como é que foi lidar com isso?

CT: Essa relação minha médico, paciente-médico foi muito boa quando eu fui para dentro do hospital, nós fizemos uma ficha separada da ficha que tinha, que a colônia tinha. Eu com um companheiro.... nós éramos espirituosos demais, criativos demais, fizemos uma ficha para cada paciente que entrava no hospital, desde a hora que ele entrava, porquê ele entrou, que medicamento ele tomou, que horas ele tomou, quanto

era a dosagem, tudo isso nós escrevíamos, tudo. O nosso fichário era tão bom que o médico preferia recorrer para o nosso do...

LM: Do que para odo que para o oficial, digamos assim?

CT: Isso, porque ele com a pressa não escrevia tudo, “Rapaz, o quê que foi mesmo que esse cara teve mesmo? Vê aí na ficha de vocês porque na nossa ficha aqui não tem”. Às vezes estava anotado só o medicamento que tinha passado, na nossa a gente colocava porque...

LM: Deu uma maneira mais pormenorizada?

CT: Quando ele saía a gente ia lá no gabinete, doutor o senhor tem um tempinho? Intera aqui com uma notinha, tal coisa a gente escrevia, a gente colocava isso anotado.

LM: E isso complementava?

CT: Complementava, quando eu senti a minha mão piorando, naquele tempo a gente trabalhava com seringa de vidro.... que tinha que esterilizar em coisa..... ou elétrico ou a álcool. E então você trabalhava com calor.

LM: Isso.

CT: Eu digo, “Meu Deus, vou começar a queimar minha mão”, esse era um dos medos que eu tinha. Eu dizia para as pessoas, “Meu dedo vai ficar atrofiado, mas não quero morrer sem dedo”. Era, sabe, eu dizia isso, eu tinha um extremo cuidado com isso, eu dizia para os companheiros que trabalhavam na roça, que eles largassem, eles tinham que fazer outra coisa, que eles não tinham ido para lá para trabalhar em roça, porque aleijava a mão e ficava aleijado, mas tinham uns que tinham necessidade, não sabiam fazer outra coisa, aprenderam a plantar não é, muitos já foram embora com seqüelas graves, outros ainda tem com seqüelas graves e eu consegui amassando a mão e eu não sabia que eu tinha que fazer isso aqui, eu fui fazendo... E a minha mão está desse jeito há mais de 25 anos, você está entendendo? Foi quando veio a prevenção de incapacidade....

LM: Isso.

CT: Quando ela chegou, esse dedo já estava duro, não tinha mais como.....mas essa aqui tem mais de 25 anos..está aqui desse jeito, eu fazendo massagem, fui lá na fisioterapia no Marcelo Cândia, que tem a prevenção de incapacidade e fui aprendendo....e essa aqui está....porque a mão que eu mais manuseio....

LM: É exato, que o senhor escreve, enfim.

CT: Que eu escrevo e tudo isso. Então eu tive um extremo cuidado, eu tinha um medo “Oh, meu Deus”, eu via, não é, os outros ficarem cegos, sem mão, o quê que vou fazer da minha vida ?

LM: É graças a Deus que.....

CT: Vou depender das pessoas estar escrevendo por mim, estar fazendo qualquer coisa assim.....

LM: É chato.

CT: Aí eu achava isso muito ruim e tal.

LM: Hum, hum, me diga uma coisa seu Cristiano é.... o senhor ficou até quando dentro da colônia ?

CT: Vamos limitar bem isso não é, colocar bem você nessa situação. A área que eu moro ainda é uma área de colônia.....

LM: Sim.

CT: Enquanto espaço físico, aí eu moro em uma casa que era do governo. De uns anos para cá eu comecei a meter na cabeça que a gente tinha que transformar aquilo lá. Bom, não tinha recursos, sempre as minhas idéias foram assim, bom tenho que fazer agora não sei quem que vai fazer, eu não me preocupava muito com isso sabia que tinha que fazer, esse era o primeiro caminho que eu tinha. E aí já tinha o Morhan, já tinha essas coisas já na década de 80, como meus companheiros lá no abrigo, aqueles que estão sob a tutela do governo, com seqüelas graves, que não tiveram uma reinserção social por se distanciarem da família, muitas vezes não sabem nem por onde anda a família, esses ainda vivem lá sob a tutela do governo, na condição péssima de pavilhão, viviam lá. Gente, eu tenho que fazer alguma coisa por essas pessoas, mas por outro lado aqui onde eu moro também precisa ser transformado, acabar com esse negócio de colônia, primeiro que me indignava esse negócio de colônia, leprosário eu não quero mais não. A gente tem que acabar com isso.

LM: O próprio termo não é, também não é bom.

CT: É, a gente preserva o prédio para a questão da história, mas nós temos que mudar isso. Aí um dia em casa sentado, com essas atividades todas na colônia, conhecido nas colônias e isso também me trouxe muitos companheiros para o meu lado, mas muitos se opondo a minha maneira de colocar as coisas, a minha maneira de agir também tem uns que são coitadinhos, querem ser vítimas, querem estar recebendo esmolas e eu não aceito isso, me rebelo contra isso. Aí bom, Morhan sozinho não pode fazer, vamos fazer um conselho de entidades, olha aí vamos sentar...tinha time de futebol, tinha Caixa Beneficente, que agora não tem mais que era uma praga, dentro de colônia era uma praga Caixa Beneficente, CBI chamava CBI.

LM: Por quê que era uma praga?

CT: Porque ela era extremamente assistencialista e paternalista, então pedia para o governo se possível botava lágrima, sangue nos documentos que faziam para o próprio governo, coitadinhos, dar.

LM: É, a reinserção não pode ser por aí, não é, seu Cristiano?

CT: E eu trabalhei nessas Caixas, quer dizer eu trabalhei nessas entidades todas dentro

da colônia. Aí nós tínhamos sede, o Morhan, Centro Social da Colônia de Marituba, que era ligado à igreja, um pouco assistencialista e paternalista, o time de futebol e outras entidades que tinham lá, chamavam grupo de artesãos, grupos que a gente criou também que a gente não é....vamos fazer um conselho de entidades. Aí um dia eu chamei todo mundo e disse assim: “Olha, primeiramente, antes da gente fazer um conselho de entidades, nós vamos criar mais uma entidade, mas se vocês artesãos tem uma dificuldade de arrumar verbas para financiar o trabalho de vocês depois de embora porque vocês vendem a produção e tal, porque que a gente não junta, todo mundo junto para fazer esse documento, correr atrás?”. O do futebol a mesma coisa, o time daqui não tem dinheiro para comprar camisa, chuteira, a gente senta todo mundo, vamos, assina um documento pedindo para a Secretaria de Saúde para alguém, ou para uma empresa, vamos conversar. Aí nós fizemos e no meio dessas entrou uma entidade chamada Sociedade de Pobres e Servos da Divina Providência que estava já lá em Marituba com vontade de fazer alguma coisa, queria fazer, mas não sabia como. Maria Leide conhece essa história.

ML: Ele está lá ainda?

CT: Está, o Gedovar, já estava lá. Aí chamamos o irmão Gedovar, que é o todo poderoso, que tem uma Ong, com dinheiro na mão, italiana, com dinheiro na mão. Quando nós sentamos todo mundo que eu coloquei a idéia, acharam excelente, então nós vamos fazer um regimento interno, não precisa registrar em cartório, uma espécie de contrato, dizendo o que a gente quer. Um não pode interceder no outro, mas se a gente luta por bens comuns, aí eu disse para eles “Nós precisamos de água, segurança, transporte coletivo, uma série de coisas aqui”. “Mas rapaz, negócio de água, energia elétrica?”, “Sim, por que não? Eu quero ter energia elétrica, mas eu quero pagar, eu quero cobrar depois do governo porque aí eu começo a pagar imposto, eu já pago imposto quando eu compro uma caixa de fósforo, quando eu tomo um copinho de cerveja, mas eu quero pagar mais ainda para poder poder cobrar mais do governo. Aí essas colocações minhas eram chocantes, alguns não aderiam logo depois eles aderiram. Aí o irmão Gedovar, “Cristiano, corretíssimo”, então fizemos a primeira reunião e tudo.

ML: Agora me fala uma coisa, me fala uma coisa, posso interromper? Eu sinto, quando vou à Marituba... é que eu não vejo distinção entre... quer dizer tem uma unidade assistencial que é uma referência, mas a comunidade de moradores eu não sei a diferença entre casa antiga de pacientes e casa de moradores. Aquilo ali quando foi feito, foi uma invasão? Ou os ex-pacientes, foram trazendo suas famílias e amigos, ou o governo loteou e fez reforma agrária, como é que aconteceu aquilo?

CT: Eu queria voltar um pouquinho, porque eu acho que você conheceu ainda.... os primeiros passos foi para o Marcelo Cândia, logo no princípio também não tinha casa nem de um lado, nem do outro naquela avenida lá, não é? Ali foi loteado pelo governo, foi uma discussão que a gente teve com o governo, alguns companheiros... alguns dizem que houve invasão, quando não é verdade. O governo loteou, alguns companheiros por não terem FUNRURAL, não terem INPS, nem coisa nenhuma.

LM: Condições de compra.

CT: Pegaram uma porção de lotes e foram vender para arrumar um trocadinho. Não tinha dúvidas e isso aconteceu demais então não foi invasão. Uns lotearam e deram para

seus parentes para morarem junto, para estarem perto, está certo? E outros venderam, muitos venderam então ele teve que pegar 6, 7, 8 lotes e vender. Não peguei nenhum porque não me interessava na história e nem critico porque eles não tinham, coitados, de onde tirar nada, iam com aquele dinheirinho, ia comprar uma roupa ou comprava uma geladeira ou qualquer coisa assim. E foi assim que foi feito, não foi invasão, aí com a desativação em 76 e 84 do atual governador, foi ele que abriu as portas da colônia quando ele disse que ia desativar a colônia, o último o doutor Almir Gabriel... Que era secretário.

ML: (sobreposição de fala, incompreensível).

CT: Isso, era secretário de saúde, quando ele chegou lá com essa notícia eu fui um dos poucos...disse que ele estava correto aí o pessoal “Esse Cristiano é doido”, depois eu digo para vocês porque é. Aí chegou lá, depois daquele negócio, “ah, não, mas espera aí, governador, o senhor está correto, mas tem algumas coisas que precisa a gente sentar, a sociedade não está preparada para nos receber”. Primeiro aqueles que trabalham aqui vão ser o quê? Depois de chupada a laranja vai ser jogado fora o bagaço?

LM: Joga o bagaço fora.

CT: Aí o senhor vai ter que dar emprego para esse povo que está aqui, tem uns que estão há 20, não sei quantos anos, eu trabalhava mais ou menos há 15 anos, 17 anos. Pior que eu larguei do Estado, aí ele empregou o pessoal que era do Estado, que era explorado passaram a ser servidor do Estado. Uns foram para vigilantes, para serem vigilantes outros foram para.....

LM: Serviços gerais.

CT: Serviços Gerais, artes plásticas, aquelas coisas todas. Então essa foi uma maneira, o governador acionou... fazer o secretário, ele foi lá conversou, o governado era o Jader Barbalho, conversou e esse processo começou acontecendo assim.

LM: Como... o Cristiano me diga uma coisa como é que foi o seu contato com o MORHAN? É..conta para a gente um pouquinho é.... se vo....

CT: É...eu vou chegar lá quando a gente juntou esse grupo lá, a gente começou a fazer....”Irmão, a gente está pensando em fazer uma reforma lá no abrigo João Paulo II, vamos renovar, não é, que era a entidade”. Aí ele disse “Eu também estou pensando nisso, o senhor tem dinheiro para fazer? A gente quer que faça, o senhor banca?” Disse “Olha, eu não tenho, não, dá para fazer, mas eu não sei bem direito o quê que vocês querem.” “Bom, a gente quer isso....mas era o seguinte vamos primeiro nos juntar, para discutir com o paciente para saber o quê ele quer, porque eu dizer o quê ele quer não é legal. Então vamos dividir em tarefas...chama a direção do abrigo para sentar todo mundo junto”. O abrigo aceitou, também queria fazer, fazia parte do grupo, o grupo de artesão era do abrigo. Fazia parte do grupo e... e sentou todo mundo. “Então vocês vão lá, aí pega a equipe multiprofissional do abrigo para conversar com o paciente, a equipe multiprofissional mesmo não é, e sentar com eles. Primeiro vocês vão ter uma certa dificuldade mas depois eu acho que tudo vai dar certo”, aí foi, sentamos com o abrigo, os abrigados aqueles que estavam sob a tutela do governo, para dizer para eles que era

bom, havia roubo, muito roubo nos apartamentos deles e que a gente tinha uma preocupação muito grande com isso, amanhã ou depois um bandido daqueles podia algum deles reagir. E os bandidos matar, coisa assim e a gente não queria que aquilo acontecesse, nunca aconteceu, a gente tinha uma preocupação muito grande com isso. Foi dois anos esse projeto em discussão, porque a gente começou a...a gente discutia tudo, quando eu estou dizendo tudo é da maçaneta da porta.. o piso, o transporte coletivo, a água tudo.

LM: A infra-estrutura toda também.

CT: Toda e a gente não queria só a mudança física, mas queria que quem fosse atender o paciente também tivesse um mudança de postura humana, de humanização de serviço, no fundo era isso que a gente queria. Passou dois anos isso. Convencer o paciente primeiro para fazer um muro, que não era um muro que vedasse a passagem dele, mas que.....no máximo um metro de altura e depois com grade para ele poder ver do lado de fora.

LM: Lógico.

CT: Não é, fazer um condomínio fechado, era isso que a gente queria, olha nos outros cantos gente tem condomínio fechado, o cara só entra se tiver a identidade.

LM: Identificação, é.

CT: E vocês não tem proteção aqui, então precisa disso, vocês vão ter o direito de entrar e sair a hora que quiser porque essa aqui é uma questão fundamental para a gente.

LM: Liberdade, não é?

CT: Liberdade, então é só para proteção de vocês até para poder de longe o policial estar vendo quem está querendo roubar vocês. Roubavam carteira deles, levavam o rádio, o gravadorzinho pequeno que eles tinham, essas coisas todas e cada vez mais eles estavam não é....aí eles aceitaram mas aí....peguei vou ficar do lado de fora, eu disse “Olha, eu não quero só mudança do abrigo, quero do bairro”, imagina sem dinheiro isso tudo era só.... mas como é a gente vai brigar, vamos lá na Cosanpa que era a companhia de saneamento do Pará para nos fornecer água e a gente vai pagar, vamos lá na Cosanpa, hoje já tem água lá a gente vai começar a pagar. Há bastante tempo que a gente ainda não pagou, agora que a gente é cadastrado a gente vai começar a pagar. Energia elétrica nós queremos, já tinha lá, tira do governo, não é mais ele que tem que pagar, eu quero pagar minha energia na minha casa, põe aqui o registro e aí gente começou a pagar. Então isso foi choque para alguns eu recebia às vezes agressão na rua, “É, agora eu sou obrigado a pagar água, vou pagar luz por sua causa”, “Companheiro é cidadania, acaba com esse negócio....

LM: Não é só o Estado dando tudo, não é?

CT: Isso, acaba com esse negócio, “Só porque tu não tem um dedo, dois dedos, que tu achas que o governo tem obrigação de te dar, nada, cara. Tu já recebes uma pensão do Estado e recebe do INPS, tu não precisas de esmolas, tu tens que ir à luta, de cidadania, se engajar comigo”. Alguns vieram do meu lado e tal, mas foi dessa maneira que a gente fez. A gente foi fazendo tanto para reduzir um pouco dessa história, que aí a gente foi

atrás do dono da empresa de ônibus o doutor, para botar uma linha de ônibus, a primeira que ele botou a gente chamava o ônibus de cata corno, porque era de graça não é, era de graça, a gente entrava no ônibus, deixava lá na BR e depois a gente pegava o outro. Depois em um dia eu vi que não dava certo, a meninada jogava pedra no ônibus, escangalhado, o ônibus ficava todo quebrado...

LM: É mesmo?

CT: Não tinha conforto nenhum, voltei lá na empresa o cara ficou meu amigo, “Doutor Barata, olha o seguinte, tira aquele ônibus de lá, não quero ônibus de graça, eu quero pagar ônibus, doutor Barata. Mas põe ônibus digno para a gente, mesmo sendo de graça, aquele é ruim, chove o ônibus não presta, põe um que a gente possa pagar”, mas que... aí criou uma linha de ônibus.

LM: Ótimo.

CT: A gente saía para a capital, a gente tinha dificuldade para isso...

LM: De se deslocar, lógico.

CT: Deslocar era distante, era mais de 1 km. Tem que levar a bicicleta para lá, às vezes a bicicleta da gente era roubada e tal, agora o ônibus já passa na porta da casa da gente....

LM: Ótimo, não é?

CT: Aí bom agora tem uns prédios aqui abandonados, vamos chamar o prefeito? Vamos negociar com prefeito para fazer alguma coisa nesses prédios. O quê que ele vai fazer? Bom na hora vocês vão saber o quê que está no meu bestunto. Aí o primeiro prefeito que se elegeu a gente foi lá conversou, eu era...sou do PT, carteirinha do PT, o desgraçado era do PTB, não é, coisa do Maluf, fui logo para o conselho de saúde também, o município se emancipou, também fui para o conselho de saúde como usuário do Morhan. Aí tive conflitos com ele por falta de prestação de contas, chegamos a ir para a justiça, ele quis me processar e eu provei que eles estavam desviando dinheiro da saúde, depois o Ministério da Saúde obrigou ele a devolver esse dinheiro, foi um momento amargo que eu passei porque eu me senti só, o movimento não tinha dinheiro para me apoiar, graças a alguns companheiros do PT, ele queria me ferrar, o juiz também era comprado, não é, lá em Marituba, mas a gente conseguiu se safar dessa e depois provar....a pessoa que estava no Ministério Público era mulher, doutora Leila, que passou depois a ser minha amiga, disse “Cristiano, eu não vou mais entrar no Ministério Público”, ela era do Ministério Público, vou mandar isso para o Ministério Público Federal porque a verba era federal e lá o prefeito não compra. O julgamento vai ser lá e tudo, tu não vai ter acesso.

Fita 2 - Lado A

LM: Fita número dois.

CT: Ele tinha um...alguns direitos, da polícia, de ser interpelado só ele pela polícia e tal, mas o Ministério Público acatou não é, isso é uma outra história o Ministério Público

acatou depois ele teve que devolver, que era o dinheiro da saúde do município. Nós descobrimos via Internet, quanto o município tinha recebido, depois eu fui no Tribunal de Contas através de uma pessoa amiga minha, que o Tribunal de Contas não cede essas coisas assim, com facilidades... tem que ir no Tribunal de Contas do município para xerocar.....

LM: É são dados sigilosos, não é?

CT: O que tinha sido gasto com a saúde. Aí eu comparando com o que eu peguei da Internet, quanto o município tinha recebido e quanto ele tinha prestado conta era uma diferença de quase 300.000. Aí foi quando eu entrei com a ação do Ministério Público, aí coloquei no outdoor e diz o juiz que foi esse o meu erro, eu não queria chamar o prefeito de ladrão, não tinha intenção de chamar de ladrão, mas também não queria dizer que ele era honesto e eu tinha que arrumar um jeito de fazer as duas coisas ao mesmo tempo em uma frase só.

LM: E como é que ficou a frase?

CT: Ah a frase ficou “Marituba recebe do SUS tanto, o prefeito só prestou conta de tanto, Prefeito onde está o dinheiro da saúde?”

LM: É claro, aí ele teria que responder, não é?

CT: Aí ele teria que responder....

LM: O senhor não chamou ele de desonesto, ou qualquer coisa assim.

CT: Só que o advogado dele muito bom, advogado muito bom e pela conta que estava lá ele achava que eu estava chamando ele de desonesto e tal, os advogados também do PT, que aí foi o PT que me deu os advogados, ele pensava que eu não tinha, quando fui chamado na audiência, fui, eu entrei, tinha que ter uma audiência sozinho com o juiz, o juiz me ameaçou, que foi a maior besteira que eu fiz na minha vida que eu tenho um gravadorzinho desses pequenino. Que eu podia ter posto no bolso para ouvir, mas não pensei que o juiz, nunca passou na minha cabeça que o juiz, os meninos “Olha, o prefeito vai lhe processar” e eu, “Prefeito, não”, “Você não brinca com a justiça e tal, você sabe que a Internet pode ser manipulado o número da Internet”, eu sei, mas os dados do Ministério eu não acredito.

LM: É, não era o caso não é.

CT: Não era o caso.

LM: Não era o caso.

CT: Aí, mas eu sentia ameaça do juiz, logo o outro era o poderoso do município e tal, mas aí quando... aí depois entrou o prefeito....depois entrou os dois, quando entrou os dois o prefeito entrou com os dois advogados dele, aí foi quando eu fui lá embaixo, o fórum era em cima, eu fui lá embaixo e pedi que subissem os advogados meus, que me acompanharam quando nós invadimos a sala, eu tinha quatro, não é? Dados pelo partido, aí o juiz olhou assim, não é....

LM: Quatro advogados.

CT: Quatro advogados, o PT mandou o juiz olhou assim, o prefeito, “Mas você não disse”, o juiz também disse, “Você não disse que não tinha advogado?” Eu disse “Não, eu não disse em momento nenhum aqui para ninguém que eu não tinha advogado, vocês não perguntaram, vocês pensaram que eu por ter tido hanseníase e morar em uma colônia que eu era um Zé ninguém, que não podia ter advogado, é lógico que eu não estou pagando, alguém está por trás de mim, mas eu tenho o direito de não dizer para vocês quem é.”

LM: É lógico. (Risos)

CT: Isso foi fantástico e tal, mas essa mudança depois na colônia... aí ele não aceitou, passou a ser meu adversário, não aceitou a mudança na colônia. Um outro que se elegeu agora há pouco tempo a gente chamou ele e veja bem, eu sou do PT e este que está agora é do PSDB. A primeira impressão que ele teve foi dizerem para ele que me tirassem do Conselho de Saúde porque eu atrapalhava o Conselho de Saúde. Pela minha maneira de colocar as coisas, de querer as coisas direitas e tal e ele também tinha essa visão e que eu era do PT, tinha feito campanha até contra ele, não, eu nunca entrei em campanha para desmoralizar o cidadão, eu queria falar na questão administrativa, não entrava em questões pessoais, o partido entrava, mas eu não, eu fui candidato a vereador não me elegi, mas tudo bem. E alguém... o irmão Gedovar que foi aquele que construiu a parte do abrigo, chamou ele, passou a ser amigo dele porque ele tem o poder na mão, uma ONG que construiu o hospital também lá, está entendendo, essa ONG construiu, tem um trabalho social muito grande creche, centro de saúde, posto de saúde mantém a... Marcelo Cândia é o centro de referência de hanseníase. Sob a gestão dele, quer dizer esse homem já tem o poder do município, aí disse para ele “Olha, prefeito, eu acho que o senhor está com uma ideia errada com relação ao Cristiano estão passando minhoca na sua cabeça e isso o Cristiano diz que é preconceito, o senhor está com uma ideia preconcebida com relação a ele.”, “Mas é bom que o senhor conheça um pouco mais o Cristiano”. Aí em uma Conferência de Saúde ele me viu conversando com o irmão, se aproximou de mim. “Rapaz, eu tinha muita vontade, você mora na colônia e sempre que eu estou no caminho você desvia não é, por a gente ser de partido diferente, mas eu acho que a gente tem que esquecer questões partidárias”.

LM: E se unir, não é?

CT: “Eu quero conversar com você, que eu tenho umas idéias na cabeça, que era justamente as que eu tinha e fazer alguma coisa na colônia.” “Prefeito, nós temos um prédio lá, a constituição do Estado diz que as antigas colônias de Prata e Marituba, ela determina bem...”, “As suas terras serão passadas para os pacientes que lá moram ou ex-paciente e para as entidades lá existentes, as benfeitorias para as entidades, então é lógico que os prédios que o governo não quer mais iam ser nossos, é bem claro isso.” para isso eu também fui atrás de....

LM: De alguém para...

CT: Alguém do Ministério Público.

LM: É, para lhe auxiliar, interpretar....

CT: E a interpretação era essa mesma, confirmado, “Mas eu não vou ligar para isso que eu quero transformar esse diacho desse bairro aqui. Prefeito, olha ali é um cine-teatro”, porque isso tem em colônia, cine-teatro, “E poxa, por que você não faz aquele prédio lá Câmara Municipal?” “Rapaz, que prédio bonito e tal”, ele viu era um prédio grande, é um prédio grande, “Mas o senhor não pode mudar a arquitetura. Vai ter que dar um jeito de mudar para trás, mas pelo menos a fachada à frente...”

LM: A fachada tem que continuar.

CT: Aí foi fantástico, hoje a Câmara Municipal está lá.

LM: É mesmo?

CT: Em Marituba. Em Marituba foi a primeira Câmara Municipal do mundo dentro de uma colônia.

LM: Provavelmente, provavelmente.

CT: Depois quando fomos discutir outras coisas com o prefeito, a Secretaria de Saúde do município está lá, no antigo pavilhão, que quando foi feito era pavilhão da Clínica médica e então eles já tinham uma estrutura de... de organização.

LM: Exato, com os consultórios, com as salas de espera.

CT: Com tudo, então com uma Secretaria de Saúde de Município... dava bem para dividir os departamentos, isso aqui vai ser o SINAM [Sistema de Informação de Saúde], isso aqui não sei o que mais, não é, fazer os programas, essas coisas todas. “E aqui dá para fazer, prefeito, agora esse outro prédio que tem aqui atrás o senhor podia botar bem o Serviço Social aqui, resultado, tem lá o Serviço Social, tem a Câmara, tem a Secretaria de saúde e o que era hospital aonde eu trabalhei, na Conferência de Saúde nós propusemos que fosse o centro de diagnóstico do município, por a gente estar perto de Belém, o pessoal colhia o material e levava tudo para Belém, para o laboratório da SESP, secretaria de Saúde do Estado, este resultado custa a chegar, está entendendo? Muitas vezes...

LM: Lá seria muito mais perto.

CT: E lá está muito mais perto. Eu achava fantástico, na conferência foi aprovado e hoje é o centro de diagnóstico do município, coleta-se o material, as unidades lá coletam, um cidadão de moto traz, para lá, para o centro de diagnóstico, onde é feito, no outro dia quando ele vai colher ele já leva o resultado....

LM: O resultado do dia anterior, exatamente.

CT: Quer dizer com 24 horas, tem um exame que é um pouquinho mais sofisticado... mas agiliza mais.

LM: As coisas mais simples em 24 horas você tem.

CT: É, e a mudança também fisicamente, nesse sentido, a linha de ônibus já tinha, a luz já fomos brigar, por água também, mas não quero mais que se chame colônia, chamei o vereador, “Vereador, não dá para mudar o nome desse troço, não? Colônia lembra muito leprosário, colônia é sinônimo de leprosário, você vai no dicionário não é, mas para nós é.

LM: É, mas no imaginário coletivo é isso.

CT: É isso mesmo.

LM: O quê se tem.....

CC: Você teve hanseníase, teve, então você morou aonde? Em uma antiga colônia, se diz logo, leprosário, não é?

LM: É.

CT: Que nome? Bota Dom Aristides, que é o bispo que começou todo o processo de melhora social, construiu o Centro de Dermatologia, que é a referência do Estado, conseguiu creche, conseguiu... construiu escola e conseguiu...e fez posto de saúde no município.

LM: Ótimo.

CT: Então trabalhou muito nessa área social.

LM: É merece ser homenageado não é.

CT: Dom Aristides, que faleceu há pouco tempo na Itália e que foi ele que levou o papa lá pelo prestígio que ele tinha dentro do conservatório, ele conseguiu.... que o papa fosse lá em Marituba lá, isso para nós foi uma honra e tal e também foi outra briga que eu já tive agora recente com a igreja, pela ida do papa lá, está fazendo, ele foi dia 10 de julho....dia oito de julho de 1980.

LM: É, tem mais de 20 anos.

CT: Isso, mais de 20 anos que o papa veio no Brasil, aí eles queriam reformar a igreja lá. Há pouco tempo bem do lado da igreja tinha uma escola que caiu, está certo, aí o governo construiu uma outra mais longe um pouco, mas que serve a periferia toda conservando o mesmo nome... do tal médico, que teve um colapso lá no Prata.

LM: Ah, aquele que morreu de manhã.

CT: Isso, doutor Reinaldo Samanajazi é o nome da escola.

LM: Isso.

CT: Quando essa escola caiu abriu-se um espaço grande.... É um terreno grande do lado da igreja, aí eu briguei para que eles cercassem logo aquilo ali para passar para igreja

que não virasse área de invasão, eu sempre tive preocupação de não ter favela dentro da colônia, está entendendo, para tirar essa impressão ruim. Aí quando foi.....estava fazendo dois ou três anos a igreja católica achou que devia ampliar a igreja, concordo está tudo bonito mas essa aqui não. Aí eu fiquei.....

LM: Porque para ampliar a igreja teria que se destruir um pedaço da escola não é isso?

CT: Da esco.....não tinha que destruir a igreja de onde o papa entrou.

LM: Ah, tá a extensão...

CT: A história, eu quero preservar a história. Aí tem lá “Aqui ajoelhou-se”, tem lá uma coisa de bronze “Aqui ajoelhou-se João Paulo II”, não sei o que mais e tal, não vamos fazer a verba porque...porquê que eu pedi que esse terreno aqui ficasse do lado? Porque agora aqui nesse terreno vocês podem fazer a igreja grande, e vamos preservar essa aí gente, agora não, mas daqui a 20, 30 anos isso vai ser uma coisa histórica.

LM: É, e não é? Acabou sendo. Cristiano, me diga uma coisa, como é que foi o seu encontro com o Morhan? Como é que a sua atuação nesse momento?

CT: O Morhan foi outra história, o Morhan foi fundado, não sei se você sabe, em São Paulo..

LM: É, foi.

CT: Por oito pessoas que estavam lá todas do norte, dessas oito do norte, quatro eram do Pará e essas quatro do Pará viviam em Marituba. Aliás, as três de Marituba....um era de Belém, mas que tinha sido internada em Marituba. Era o Curica, é um companheiro nosso que está com problema sério renal, fazendo hemodiálise não é, a gente sabe o caminho que isso vai dar pela idade que ele tem e quando eles chegaram lá com a ideia...o Morhan, o Morhan... eu já... “Cristiano vem cá”, “O que é?” “Olha, rapaz, foi criado lá em São Paulo, tu não quer participar de um movimento chamado Movimento de Reintegração do Hanseniano?” “Daqui há uns dois dias eu dou a resposta para você.”

LM: Ficou meio desconfiado, não é ?

CT: É, passou uns dois dias eu disse “Olha, cara, não quero não, por que?” “Porque tem alguma coisa errada nessa história aí, tem muita coisa errada aí e se eu for eu vou criar conflito, mais conflito de novo.” Aí.. ..isso no princípio da criação do Morhan, não é? Olha, mas nós estamos indo para o encontro que vai ter em São Bernardo, e eu estou, “Tá, vamos” e fomos para o encontro, primeiro encontro do Morhan, quando foi no segundo, eu digo, eu não vou deixar essa turma nesse barco, agora eu vou expor o quê que eu penso, até então eu aguardei, reservei para mim o que eu pensava. Aí chegou um grupo lá contou toda a história e tal daqui a um ano tem outro lá em São Bernardo também, que foi rapidamente foi determinado que..... bom eu vou falar, mas só se vocês me ajudarem a mudar, mudar o quê? Acabar com esse negócio de Movimento de Reintegração do Hanseniano, eu não sou hanseniano, embora rime com Cristiano, nem sou ex, nem sou ex, vamos mudar, a sigla já pegou deixa ficar, Morhan, a sigla pegou, mas é Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase, soa diferente,

que senão as pessoas...até hoje as pessoas de saúde continuam chamando de hanseniano...

LM: De hanseniano, é.

CT: Ou ex-hanseniano, eu tenho pedido isso...aquela exposição da Leda, que teve ontem. A minha vontade era interferir, mas eu ia ser indelicado além da idade que ela teve, a maneira que ela colocou, fantástica não é, mas eu ia pedir para ela que não nos chamasse de hanseniano porque você continua chamando a gente pela patologia. Você deixou de chamar de leproso mas passou a chamar...

LN: Hanseniano.

CT: Porque trocou o nome, mas continua chamando pela patologia. Você não chama ninguém de ex-gripado, “Ei, ex-gripado, vem cá!” .

LM: É verdade (risos).

CT: Mas ex-hanseniano o quê que é isso? Quer dizer, continua o estigma, o preconceito, está entendendo? Isso para mim é terrível, aí no primeiro encontro que eu fui do Morhan, quando eu disse isso, foi uma bomba, não é? Os conservadores se rebelaram e tal quer dizer “o que esse cara está vindo, dar ordens para gente?” “Não, eu não estou dando ordens, eu estou trocando ideias, vamos argumentar, vocês tentam me convencer e eu vou convencendo vocês, vamos embora ver quem está com a razão.” Aí o Bacurau se levantou e disse “Olha, tem profundidade o que o Cristiano está dizendo e é correto mesmo, porque nós estamos querendo brigar por cidadania, pela uma porção de coisas, mas estamos deixando que as pessoas continuem nos chamando por outro nome.”, “Estão trocando a nossa identidade”, eu disse “É isso mesmo, Bacurau, eu não aceito essa identidade eu quero ser chamado pelo meu nome, o presidente da república lá quer ser chamado pelo dele, o fulano doutor Wagner [Nogueira] quer ser chamado Wagner de tal, quer ser chamado por Wagner, então porquê que eu vou ser chamado de hanseniano ou ex-hanseniano? Não quero. Aí o movimento passou a ser chamar Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas Pela Hanseníase. A partir daí a gente começou a entrar dentro do movimento, aí vesti a camisa mesmo, não é? E tenho brigado muito por isso, tenho encontrado muita gente até da área de saúde eu peço para eles “Olha, vocês são formadores, se vocês enquanto auxiliar de enfermagem, atendente de enfermagem, sociólogo, psicólogo, todos vocês continuarem nos chamando vai ser difícil a gente quebrar a discriminação e o preconceito.

LM: Cristiano, como é que o Morhan funciona? Ele tem uma representação estadual?

CT: Tem, eu sou coordenador...

LM: Em cada Estado, e você é o coordenador do Estado...

CT: Estadual, do Pará. E depois eles têm os núcleos nos seus municípios.

LM: Ah, entendi.

CT: Em Marituba tem um núcleo do Morhan do qual eu faço parte. Tem um núcleo em Belém também do Morhan, mas no sul do Pará, por ser uma área endêmica, a gente começou a construir núcleo do Morhan lá. O Brasil vai eliminar a hanseníase, mas o Pará não. O Brasil em um todo, a incidência, a prevalência vai...

LM: Está baixando, acredito que sim.

CT: E isso vai chegar uma hora que vai dizer assim controlou, mínima mas controlou mas o Pará ela vai continuar alta está entendendo, quer dizer se você pegar o bojo do país vai acontecer isso mas o Pará vai ter ainda. Quando chegar o ano 2005, nós vamos ter cidades no Pará ainda com 30, 40 casos para cada 10.000...

LM: É mesmo?

CT: É.

LM: 30, 40?

CT: 40 casos para cada dez mil habitantes, até o ano 2005, que eu calculo, eu digo que o Pará não elimina a hanseníase ou não tem um controle disso até o ano 2010. E veja bem algumas discussões do Movimento, com relação ao Ministério da Saúde, que é fantástico e precisa da gente estar atento, às vezes eu digo para o Artur [Custódio] o seguinte, que o Ministério trabalha com profissionais e nós com a emoção e com o amorismo, está entendendo? Nós precisamos primeiro começar a ser um pouco profissional, um pouco profissional que eu digo, ter gente dessa área que nos oriente, essa é... para mim é uma questão, umas questões técnicas, embora a gente conheça, saiba como é, saiba dizer da hanseníase, mas tem outras coisas também que precisam, outros dessa equipe multiprofissional, que também podem nos auxiliar e muito. E, por exemplo, o Ministério da Saúde diz que no Pará foram descobertos 3.000 e poucos casos no ano passado e a SESPA, Secretaria de Saúde do Estado está lá na minha bolsa eu tenho esses dados, diz que é 6.000 e pouco. Quem está mascarando isso? A quem interessa fazer isso? Você está entendendo, e o movimento tem que estar atento para essas coisas.

LM: Sem dúvida, sem dúvida.

CT: É lógico que o pessoal da SESPA nos chama, nos diz isso, mas eu não posso informar para eles, fico indignado, mas a gente tem pessoas amigas que gostam do movimento, que não vestem a camisa com medo, mas que passam a orientação para a gente, “Olha, só não quero que tu digas que fui eu”, mas quando for na hora a gente prova também. A gente diz, olha, que na hora que eu pedi para provarem... não está aqui os dados, SESPA, aí eles me dão o papel da SESPA, aí o secretário de saúde vem, “Não, eu preciso saber quem foi” “Não, secretário, não pode dizer, e depois disso, secretário, eu acho que não dá mais para a gente trabalhar com esses dados escondidos, é coisa pública.”

LM: É público e tem que ser mostrado ao público.

CT: Ao público. E eu sou do movimento que não pode esconder isso do movimento, senão como é que eu posso cobrar atitudes mais fortes do governo, se eu não souber

realmente o que está acontecendo, aí eu não quero, porque tem compromisso amanhã, se for o Lula a gente cobra do Lula também, você pode ter certeza disso. Às vezes eles enfatizam muito para esse lado, o que é questão política e não é, eu tenho, eu sei separar política partidária de outra coisa, eu sei separar isso bem, o Conselho de Saúde, assim, que eu cheguei, não, eu não estou aqui em nome do PT, eu estou aqui em nome de um movimento chamado Movimento de Reinte...eleito pelo usuário, a rigor eu estou aqui, não é representando o MORHAN, estou representando o usuário. Eu não estou discutindo aqui hanseníase, eu estou discutindo saúde, desses usuários que estão aí fora, que esperam de nós, por termos conhecimento um pouco disso não é, de conhecer os prumos essa coisa toda e a gente, não dá mais para discutir só hanseníase. Tem que discutir, tem uma hora que a gente vai ser preciso discutir as especificidades, mas a gente tem que discutir saúde, eu quero melhoria da saúde como um todo, não é?

LM: Hum, hum em especial para...

CT: É, aí tive que ler muito sobre SUS, eu tenho um livro lá em casa de SUS.

LM: Teve que se inteirar mesmo, não é, seu Cristiano?

CT: Autores, ideias não é, de ler [Gilson] Cantarino, de ler Gilson, de ler todo mundo, e depois tirar as minhas conclusões e tal, mesmo porque quando houve o movimento sanitário, que foi a proposta da criação do SUS, eu estava lá. É por isso que eu digo, eu tenho um privilégio lascado de ser parte da história e da vida para contar isso. Quando surgiu a ideia da criação do SUS eu estava lá em Brasília por causa do movimento social, quer dizer para mim isso foi um privilégio lascado a gente ajudou a construir esse negócio desse SUS aí que a gente quer, eu digo para as pessoas que eu não conheço nenhum plano de saúde nesse país melhor do que o SUS. Agora é tão bom que as autoridades não querem que ele seja implantado é, é por isso que eles não querem.

LM: Porque ele é bom.

CT: Se ele fosse porcaria já tinham brigado para implantar. Era, com certeza já tinham brigado para implantar. Então esse SUS que a gente quer, que está lá no papel que na prática é fantástico eles não deixam a gente implantar. Eu tenho tido briga com o secretário de saúde lá do meu município, que às vezes ele leva lá para o prefeito... diz, “Não, senhor, vamos atender, vamos conversar com o Cristiano, a colocação dele está correta, nós vamos lá, o quê é Cristiano?” “Olha prefeito é isso, isso, isso”, aí o prefeito termina atendendo a gente, “Eu estou aqui prefeito em nome de uma comunidade que espera da gente alguma coisa.”

LM: Sim, lógico.

CT: “Eu sei que o senhor, o senhor foi eleito...”

LM: Como representante se espera...

CT: “Representante do povo e tal, mas a gente está aqui também como representante, embora eu não seja vereador, não tenha esse cargo político partidário, mas temos uma função social e precisa isso.”

LM: Que é quase política também não é, nesse sentido.

CT: Isso... tem momentos que eu digo para ele “Bom, prefeito, a decisão é política, é sua, mas o Conselho de Saúde aponta para esse caminho.”

LM: Exato.

CT: A prova é que a gente chegou a ser presidente do Conselho de Saúde, quando elegeu-se um novo prefeito, agora que está com um ano e pouco, na primeira reunião do conselho, primeiro que a gente conseguiu na Câmara dos Vereadores que eles não colocassem lá que Secretário de Saúde tem que ser o presidente do Conselho, a gente conseguiu isso por pressão no movimento social, então tá, na primeira reunião do Conselho de Saúde tem que ser eleito, o seu presidente está lá, o secretário de saúde é membro nato, aí tudo bem, é justo que ele faça parte desse Conselho de Saúde, senão, quem é que vai agilizar as propostas do conselho, essas coisas todas? Aí eles tinham um medo danado, na primeira reunião do Conselho eu já fazendo parte do Conselho, eu sabia da apreensão do secretário e do prefeito, do secretário de Saúde não ser eleito presidente, ele sabia da força que a gente tinha e do papel de liderança que a gente tinha. E a gente tinha noção disso e embora eu não goste da palavra líder, não me considere líder, mas a gente sabia disso, não é?

LM: É, um porta-voz (risos).

CT: Um porta-voz, não é falsa de modéstia, não, mas...

LM: É, um bom porta-voz.

CT: Eu estou citando apenas o fato. Aí eu cheguei para o secretário, “Secretário, não se preocupe, nós achamos por bem, aí foi a reunião foi feita na minha casa, para dar um crédito de confiança ao senhor e na nova administração que está aqui, nós vamos o eleger presidente de Conselho”, é mesmo? E aí ele se empolgou todo e tal, e fomos para a votação e...

LM: E passou.

CT: Foi eleito.

LM: Que bom, Cristiano.

CT: Aí... bom da outra vez tinha um usuário que era vice-presidente que era eu, não é, depois do secretário nós colocamos no regimento interno, na primeira administração você lembra que eu falei do prefeito.... que no regimento interno, na troca de secretário, o vice-presidente do Conselho assumiria e tinha 90 dias de prazo...

LM: Até se nomear um outro ?

CT: Para... ter uma nova eleição.... no colegiado, no próprio colegiado. O secretário de Saúde de então faleceu de câncer em São Paulo. Foi, doutor Carlinhos, aí foi aquele...

para acertar...o prefeito me mandou...o adjunto logo assumir não é e...mas aí “Não, corre para o regimento.”

LM: Não é isso que o Conselho está dizendo.

CT: Aí o secretário tinha assumido disse não... vou já para o Ministério, ameacei logo ele, porque está aqui no regimento interno a gente colocou, a gente tinha colocado isso, aí a eleição... o vice-presidente do Conselho era eu e eu assumi a presidência do Conselho, antes de 90 dias eu fiz a eleição, não deixei decorrer, porque tinha um prazo de 90 dias, não tinha que ser após 90 dias para fazer, eu tinha um prazo de 90 dias para fazer, com 45 dias eu fiz.

LM: Ah, que ótimo.

CT: A eleição, não é?

LM: A metade do tempo.

CT: Metade do tempo, não articulei com ninguém, para surpresa minha e dos meus companheiros não articulei isso, eles me elegeram presidente do conselho. E isso fez a gente buscar conhecimento, a ler sobre isso, quer dizer, a gente já vinha acompanhando o caso...

LM: Já vinha acompanhando o processo todo.

CT: Eu tenho tudo sobre SUS lá em casa, tudo o que você imaginar para eu chegar em um ponto de eu comprar um livro sobre a lei 4320, que é a lei sobre orçamento público para eu saber o que é orçamento público.

LM: Para entender (risos)...é porque é muito confuso, mesmo, não é?

CT: Isso. Eu comprei a lei comentada para poder assimilar isso quer dizer a gente se tornou um autodidata...

LM: Que bom.

CT: E eu falei para você o seguinte que eu também tinha vontade de terminar o segundo grau.

LM: Você terminou?

CT: Aí depois eu estava na colônia, acabaram as reações e tal eu consegui através do Passarinho, que até então eu contei aquela história, uma bolsa, ele foi ser ministro da educação. Fiquei escrevendo para ele dizendo que tinha, o maior desejo da minha vida era terminar o meu segundo grau e ele mandou uma bolsa, aí eu fui para Belém atrás dos colégios não é, colégio particular eu para ver se, eu não queria colégio do Estado, queria um particular. Quando eu entrava eu perguntava se tinha vaga, o cidadão dizia que tinha e tal, “Espera aí que eu vou buscar a papelada” e tal, então aí perguntavam os meus dados, eu começava a dizer. “Residência?” Eu dizia “Colônia de Marituba”, o cara coçava a cabeça, “Espera aí um instante que eu estou com sede, vou beber água, ia lá

para dentro, quando voltava vinha alguém da direção disse “Olha, foi engano, rapaz, não tem vaga.” Colônia de Marituba era sinônimo de leprosário.

LM: De leprosário, que estigma tremendo, hein, Cristiano?

CT: Foi em cinco, com todos cinco pacientes que aconteceu, voltei para casa com a bolsa embaixo do braço, tinha uma companheira lá que era filha de um paciente, que tinha vontade de estudar, não tinha hanseníase, eu dei a bolsa para ela, “Está aqui, vai fazer lá.” Hoje ela é professora lá, fez Pedagogia e tal. E eu vou continuar a minha vidinha, mas aí eu peguei uns companheiros que tinham lá e disse assim “Quer saber de uma coisa? Vamos terminar o segundo grau supletivo?” “Mas como, quem vai pagar?” “Bom cara, não sei, rapaz, vamos embora fazer.”

LM: A gente vai tentar dar um jeito.

CT: Começamos com 30 alunos, com 30 alunos, pegamos algumas pessoas voluntárias, que a gente sabia que estava na universidade, mas que podia nos dar alguma coisa de Matemática, de Química, Ciências, mas uma vez eu já envolvido com o movimento social, não é, já esse movimento social me tomava muito tempo. Eu ia e tal... aí comecei a eliminar algumas matérias, por incrível que pareça, faltava eliminar Português e História, eliminei Química, Matemática, essas coisas, isso está fazendo uns 10 anos.

LM: Hum, hum e o senhor, não voltou mais?

CT: Não voltei mais porque o movimento social não deixou, mas aí fui me envolvendo cada vez mais e mais com isso e é um sonho que eu tenho.

LM: Ih, rapaz aí não...o tempo não sobra.

CT: Mas tenho dito para o....

LM: Mas você ainda vai concretizar.

CT: Eu tenho dito para o pessoal do Morhan o seguinte, como eu sou um camarada que gosto de realizar aquilo que eu penso...

LM: Então, você vai realizar.

CT: Eu tenho dois anos para ainda estar no movimento social, vou entrar na universidade com 55 ou 56 anos, com 70 eu quero receber o diploma, que eu quero ser exemplo.

LM: (Risos) Com certeza.

CT: Aí os caras que me conhecem, “Não, eu não tenho dúvidas disso, que tu vai conseguir.”, não mas...eu estou falando para você sério e tal eu tenho mesmo... mas eu estou escrevendo um livro... não é a minha história, mas é aquilo que a gente passava nas colônias.

LM: Ótimo, vai ser muito bom esse livro, muito.

CT: Eu não contei a metade.

LM: Tem muita coisa que a gente não lembra porque a gente seleciona é assim mesmo.

CT: E eu me dou ao luxo de dar uma entrevista para você que pouca coisa do que eu disse para você vai estar citado no meu livro.

LM: Que bom.

CT: É até para não ficar uma coisa... a gente tem que ter cuidado com isso em alguns lugares as pessoas tem....mas a gente conta outras coisas que a gente viveu na colônia, um artigo que a gente sofreu, uma série de coisas fantástico...

LM: Cristiano, você casou de novo?

CT: Sem ser piegas.

LM: É, sem ser uma coisa lacrimante e....

CT: Aí depois de cinco, seis anos na ida do papa lá, já em 80, acho que a gente estava na década de [19]70.

LM: [19]70, [19]74.

CT: Isso...

LM: [19]74, que você se separou.

CT: Me separei, fiquei solteiro uma porção de tempo, eu namorava, que só o diabo também, foi outra coisa, aí em [19]80 apareceu uma mulher, aí vivemos juntos 17 anos, ela trabalhava no posto de saúde, não tinha hanseníase, não teve hanseníase. E já viúva, ela era viúva com duas filhas e que hoje eu chamo de minhas filhas, que são minhas enteadas, mas não digo para elas que elas são minhas enteadas que elas se indignam, ficam com raiva qualquer pessoa fica inimigas delas.

LM: É mesmo?

CT: A Aninha e a Lili, aquelas duas que sempre estão comigo, aqui paradas, vão muito na minha casa. Elas dizem logo “Olha, não vou”, quando eu chego em casa elas dizem logo “Se a senhora é amiga do papai, não diga que eu sou enteada dele, eu sou filha dele.”, tomam a benção, me respeitam, têm o maior cuidado, quando eu viajo elas arrumam minha mala, tem aquele carinho de filho com pai.

LM: De filho com pai, que bom.

CT: E a recíproca é verdadeira. E tenho dois netos, um casal, uma netinha de seis anos e um netinho de nove. Antes de eu vir para cá...aí eu disse, “Olha, eu não sei se eu vou para esse Congresso, eu estou tão cansado, dizendo para eles dois, não é ? Aí a minha netinha de seis anos disse assim, “Não, vô, mesmo o senhor cansado, mas vá, primeiro

que eu quero dizer para o senhor o seguinte não fique velho porque o senhor tem muito para me ensinar.” Tem seis anos.

LM: Aí o senhor lembrou de quê? Da sua idade, quando o senhor tinha seis anos.

CT: É, da minha rebeldia, e eu sempre tive essa gana de aprender, eu sempre tive isso... o maior lazer para mim é livro, agora, não é qualquer porcaria.

LM: É claro.

CT: É eu sou meio... gosto de escolher.

LM: Não é porque Paulo Coelho foi eleito que o senhor vai ficar lendo o livro dele?

CT: Isso, mas eu leio também, leio Jorge Amado, Paulo Coelho leio também bons autores e tal, quando eu sinto que o negócio não está me interessando muito largo para lá e gasto dinheiro com livro, me dou ao luxo de ter uma bibliotecazinha pequena na minha casa.

LM: Ótimo, mas é muito bom.

CT: E para você ter uma ideia eu chego a comprar a lei 4320 comentada que é sobre dinheiro público.

LM: É o orçamento, o senhor falou, para poder entender não é, quando...como funciona.

CT: Eu dei 45 paus por esse livro, eu passei oito meses guardando 50 reais por mês, não é? Aí no dia que eu fui lá, eu fui com uma amiga que hoje é vereadora do PT, que é deficiente, é portadora de deficiência a Regina Barata, muito amiga, amiga da minha mulher, faz cinco anos que a minha mulher morreu, seis anos, aliás fez agora em fevereiro desse ano, seis anos que ela faleceu, mãe das meninas. E eu quando cheguei lá... fui no comércio e encontrei com a Regina lá, ela me chama de velho, não é, agora que eu não estou mais, meus cabelos são brancos eu pinto para não parecer mais velho ainda, que as pessoas já começam a me chamar de velho, de..

LM: De vovô.

CT: De vovô, de titio, aí eu digo mais um preconceito na vida eu não quero mais, não é?

LM: Chega, já chega o que o senhor tem.

CT: Aí onde você está indo? Eu estou indo lá, era um pouco distante do comércio lá na Jinkings. “O que que você vai fazer lá?” “Livraria Jinkings, eu quero comprar o livro sobre orçamento público, lei comentada 4320, por causa do Conselho de Saúde”, ela também já era membro do Conselho... foi representante do usuário dos portadores de deficiência, “Ah, então vamos lá”. Quando nós chegamos lá, olha eu queria aquele livro assim, assim, assim olha, quanto é?” Eu tinha guardado os 40 reais, era cinco reais, era 40 reais...era 45. Vou voltar mais ou menos.... a Regina que ela é minha.... “Não, Cristiano, eu te dou os cinco reais.”

LM: É para poder comprar.

CT: Para poder comprar e me deu os cinco reais, eu comprei o livro, e levo, ela é comentada. Algumas dúvidas que eu tenho tem algumas pessoas lá que entendem de Economia, Contabilidade, me consulto lá com os caras, digo “Olha, que palavra é essa aqui?”.

LM: Sei, sei.

CT: Aí comecei a aprender, a identificar orçamento público, quando está lá, o orçamento público, para o prefeito prestar conta, aonde ele gastou, com o quê? Que as palavras são tão complicadas que termina você não sabendo...

Fita 2 - Lado B

CT: E para a gente não conseguir entender, não sei às vezes eu acho isso.

LM: Não é isso, mas às vezes a gente acha que pode até ser.

CT: Aí eu aprendi muito com isso, aí eu identifico quanto ele gastou na área social, na saúde, educação, na área social, quanto foi? Aí eu percebo, então, teve um orçamento lá de um desses, aí que eu disse assim “O prefeito está dando mais dinheiro para o gabinete do vice do que para a Assistência Social.”

LM: Não pode (risos).

CT: É, aí eu chamei os vereadores, “Olha, vocês tem que aprovar isso aqui, isso aqui está uma aberração, cara, o gabinete do vice-prefeito tem mais dinheiro do que o da Assistência Social.

LM: Como é que pode isso?

CT: Como é que a gente vai diminuir essa desigualdade social, como é que o Serviço Social do município vai ter capacitação de coisa para capacitar jovens que estão em risco, no caminho da marginalidade, dessas coisas todas, se gasta mais com política no gabinete do vice-prefeito.

LM: Lógico, lógico.

CT: Aí os vereadores....ouvem um pouco e tal isso também a gente tem essa relação com os vereadores e tal, isso é fantástico, quando o município emancipado a gente lá....quando foi feito o município “Olha, tu quer a emancipação mesmo”, aí foi para a Assembleia, o governador aprovou, os legisladores também lá aprovaram, os deputados...está emancipado mas tua primeira eleição de Marituba aí vai ter a lei orgânica, aí eu já sabia que ia ter a lei orgânica, juntei o pessoal do Morhan, disse assim, “Gente, vamos embora propor alguma coisa de lei orgânica?” “Mas como, vereadores, tu perdeu a eleição”, “Eu não estou interessado, vocês podem ter certeza que na lei orgânica municipal vai ter alguma coisa que chegue na pré, para apresentação de proposta dizendo que a população tem direito de apresentar qualquer proposta ou entidade....”

LM: Lógico, lógico.

CT: Isso deve ter, batata, eu fui lá na Câmara para saber vem cá, “Olha, já está funcionando, já tem uma comissão para a lei orgânica.” e os movimentos sociais podem trazer aqui com x, assinaturas, propostas...

LM: Isso, as suas reivindicações, as suas propostas.

CT: Isso, eu peguei 30 artigos, fizemos 30 artigos, 32 parágrafos, não sei quantos incisos, esqueci agora...voltado para a educação, para a saúde, quer dizer, não queria apenas, para portador de deficiência, para idoso, para jovens. Isso a gente se preocupou com todos esses, infelizmente desses 30 e tantos só 20 e tantos passou porque alguns os vereadores não assimilaram, não atenderam. Agora não, a Câmara mencionou, que está revendo.

LM: Certo.

CT: Aquilo que ficou para trás, aí ele disse, Cristiano, não dá para tu explicar para a gente porque teve muitos vereadores que não entenderam o alcance do....

LM: Do projeto, do que você estava propondo, não é, da sua proposta.

CT: Aí está marcado para agora quando começar.... porque já começou o segundo semestre que eu vim para cá, não é, estou aqui agora? Agora a gente volta lá, sentar com os vereadores aqueles que estão....

LM: E fazer aquela estratégia de convencimento.

CT: Uma das propostas é a lei municipal, a lei orgânica municipal deve preservar, é... deve preservar, qual foi a palavra que eu usei? Me esqueci agora a palavra que usei, para cargos públicos, vagas para deficiente na área pública.

LM: Ah sim, um percentual de vagas.... para os cargos públicos.

CT: Cargos públicos para portador de deficiência. Isso eu dizendo que a lei orgânica tinha fazer isso, mas tinha que ter uma lei para complementar, lógico que tem que ter, para dizer como e que percentual, eu não estipulo o percentual, eles não assimilaram isso.

LM: Ah, mas o senhor vai conseguir convencê-los.

CT: Na casa... na questão da arquitetura que...as barreiras arquitetônicas para não ter...para cada um deles eu fui dando alguma justificativa, eu tive que dar alguma justificativa que eu dei na questão arquitetônica, você não está beneficiando apenas o cadeirante, o idoso... tem dificuldade em subir escada, a gestante tem idade de subir escada. É mais fácil para a gestante subir uma rampa do que subir escada.

LM: Do que uma escada, claro com certeza. São coisas tão simples, não é, Cristiano, mas que...

CT: Mas que precisa alguém se preocupar.

LM: Precisa alguém se preocupar, isso, exatamente.

CT: Precisa alguém se preocupar e a gente sempre tem essa preocupação, no município o que tiver.... o que tiver acontecendo no município eu me preocupo tem vezes que eu sinto que preciso intervir tem vezes que não, vou para lá, apoio a iniciativa dos outros companheiros, aplaudo e....ultimamente agora tem um conselho de segurança lá que não é um órgão nem do governo nem um órgão popular, não está bem definido isso, não tem orçamento do Estado, não é como um Conselho de Saúde que tem a sua função bem clara, embora ele não tenha dinheiro, o município a gente está brigando para que o Conselho de Saúde do município tenha uma verba mínima de 1% ou 2% do orçamento do município para poder fazer algumas coisas. Por exemplo, o Conselho de Saúde quer botar um panfleto na rua explicando o que é Conselho de Saúde não tem, tem que ficar pedindo para o prefeito, se a gente quer telefonar para o outro Conselho de Saúde, para o Estado ou lá... aqui em Brasília...lá em Brasília para saber alguma coisa da área de saúde, você tem que estar pedindo para o secretário, então precisa. Se alguém quer denunciar via telefone, nós não temos uma linha telefônica, você está me entendendo, o Conselho de Saúde tem um computador lá ruim... secretário, precisamos não tem impressora. Então dando uma condição mínima para o secretário, para o conselho de saúde funcionar... Secretário, não é dinheiro para os conselheiros...

LM: É para obras....

CT: É para funções do Conselho. De repente o Conselho de Saúde, vamos fazer uma campanha, ajudar o pessoal a fazer uma campanha de hanseníase.

LM: Tem que ter os mecanismos, não é?

CT: Agora vai ter uma feira de saúde, que foi sugestão nossa, uma feira de saúde para as pessoas entenderem qual é o processo do SUS, dizer o quê é que tem, e o que não tem. Nós temos lá um hospital que é um hospital prestador de serviço filantrópico, que é do Pobre e Cego e temos uma unidade de saúde chamada Urgência e Emergência e está havendo um conflito entre um e outro e as pessoas que não entendem acham que hospital ele chegou, ele tem que internar.

LM: É. Não, não é por aí.

CT: Precisa a população entender qual é o mecanismo para ele chegar no hospital, do prestador de serviço.

LM: Lógico, lógico.

CT: Hoje tem a tal da PPI, que depois... depois dele pactuar tudo isso ele chega e compra o serviço do hospital.

LM: Enfim é muita filigrana nisso aí.

CT: Muita filigrana, mas que precisa a pessoa entender tudo isso. Aí, as contas, por exemplo, o dinheiro do fundo do município não vai do Ministério de saúde direto... o dinheiro vai direto para a conta, mas dizendo, um documento dizendo que já caiu na conta não vai para lá, vai para a minha casa. Enquanto usuário... embora a gente tenha acesso pela Internet mas vai para a minha casa e eu abro, vai para o Conselho de Saúde....

LM: Prestando contas, isso.

CT: Digo “Olha foi para a internação, por exemplo, que é outro órgão que eles têm lá, a internação hospitalar é 250.000 poucos e tal.” X... para farmácia básica tanto, para cada programa não é, para cada programa, esse papel vai para a minha casa em nome do conselho, eu levo para o conselho, porque na Conferência de Saúde eu dizia para o pessoal, olha gente, não passe esse documento para os secretários, senão os Conselhos de Saúde desse país não vão ter conhecimento nunca quanto é que vai...passe para um conselheiro usuário, que ele por obrigação tem...passa para os outros, eu não tenho dúvidas disso. Aí eu eles escolheram, por exemplo, o meu nome e em vários lugares do Brasil estão acontecendo dessa maneira.

LM: Cristiano, eu por mim ficaria conversando...

ML: Ele já falou que ele foi candidato a...

LM: Já, já falou.

ML: A vereador.

LM: É que há o encerramento do congresso, não é?

ML: É.

CT: Isso.

LM: Eu por mim ficaria conversando com você aqui a tarde inteira, mas...vamos descer para a gente...

CT: Vamos descer.

LM: Bom eu só queria fazer um fechamento na nossa entrevista, no nosso bate-papo que foi ótimo que você passou para a gente assim a essência do seu ser, você sempre foi desde os seis anos de idade uma pessoa combativa, é... da sua natureza. Você é assim.

CT: Isso.

LM: E o quanto que é bom, o quanto que é positivo a gente no mundo que a gente vive, ter pessoas assim, que possam modificar o estado das coisas, que possam fazer com que as coisas saiam do marasmo e que no seu caso especificamente foi super importante para dar cidadania para um monte de pessoas, para você inclusive, para um monte de gente e eu achei a sua trajetória realmente uma coisa muito fascinante. Eu quero lhe agradecer muito, foi muito boa a entrevista e eu queria abrir o microfone assim para

dizer se..... te perguntar se você tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer, que por acaso tenha esquecido, enfim.

CT: Não, o que eu podia dizer para você é o seguinte, foi dolorida a maneira como a... o mundo me lapidou, como o mundo lapidou... como se eu tivesse ido para uma fornalha, tivesse uma bigorna e um martelo forjando isso, não é...

LM: Isso que vai forjando.

CT: Forjando isso, para a personalidade que eu sou hoje e isso foi extremamente doído, foi dolorido, teve momentos de angústia, de muito choro, de desânimo, mas hoje quando eu olho para trás eu não me arrependo tipo assim... se tivesse que fazer eu faria tudo de novo.

LM: Que bom, eu acho que a vida é essa aí mesmo.

CT: Faria tudo de novo e talvez se me dessem oportunidade talvez até com mais perfeição, com mais garra, com mais...

LM: A segunda vez a gente sempre faz melhor. (risos).

CT: Isso, de acertar mais a vida, não é?

LM: Exato, exato.

CT: Mas que às vezes eu digo para os companheiros do Morhan que os primeiros encontros do Morhan a gente vinha de carona não é, chegava até Imperatriz do Maranhão, o cara diz “Olha, meu carro só vem até aqui”, a gente soltava e pegava outro caminhão para vir de novo, e hoje a gente vem de ônibus e já tem hotel já pago não sei por quem, quer dizer acredita então...alguém acredita no trabalho da gente.

LM: É lógico, isso é super importante.

CT: Isso é importante a gente sabe disso e... é gratificante a gente olha para trás e vê quanto construiu, o quanto ajudou a construir.

LM: O quanto você semeou, não é, no seu caminho.

CT: E em momentos a gente foi desbravador, a gente tem consciência disso, mas de momentos a gente vai ser exemplo, mas em algum momento alguém também vai achar que a gente também errou em alguma coisa é bem provável que isso aconteça, não tenho dúvida disso, mas que foi extremamente gratificante foi, com todas essas dores, com tudo isso, mas valeu a pena.

LM: Muito obrigada, Cristiano.